

# “Novo normal” impõe uma forma de consumo diferente

A pandemia do novo coronavírus já deixou uma lição: repensar o consumismo e encontrar novas perspectivas de vida. [Página 7](#)

Foto: Marcus Antônios



Shopping de João Pessoa antes do isolamento social: “templos” do consumismo estão fechados há três meses

## Entrevista

### Segurança em meio à pandemia na Paraíba

Secretário de Segurança e Defesa Social, Jean Nunes fala sobre as estratégias da polícia para combater a criminalidade durante o período de isolamento. [Página 3](#)



Foto: Divulgação

## Diversidade

### A luta pela preservação das tartarugas marinhas

Diante da pandemia, ONG que atua em favor dos animais na PB procura meios de resistir. [Páginas 13 e 14](#)

## Cultura

### Livro retrata Bibi Ferreira, com textos e fotografias

Fotobiografia de uma das maiores artistas brasileiras ganha versão atualizada. [Página 9](#)

## Pensar



‘Pensar’ O papel da imprensa nos tempos atuais é o tema do caderno especial. [Páginas 21 a 24](#)

## Almanaque



**Napoleão Laureano** Médico lutou em prol dos pacientes de câncer. [Página 17](#)

## Esportes



**A Copa de 70** Há 50 anos, a Seleção Brasileira celebrava o Tri no México. Especial lembra como foi a comemoração na Paraíba em plena Ditadura Militar. [Página 12](#)

Foto: Arquivo/CBF

**GIRO NOS MUNICÍPIOS** **Paraíba**

**Terra dos Canaviais** De ruínas de engenhos a fontes de águas minerais, a cidade de Santa Rita tem muito o que mostrar. [Página 8](#)

**Geral**

**Pelos trilhos da memória** Velhas estações de trem espalhadas pelo Estado mostram como foi, um dia, o sistema ferroviário da PB. [Página 3](#)

Foto: Wlisses Estrela/Acervo pessoal

**Se é fake, É fraude**

**DENUNCIE!**  
LIGUE OU ACESSE  
192

Editorial

# Retração

As taxas de juros estão caindo ao rés do chão, mas os investimentos estão parados, no Brasil, embora alguns analistas da área econômica assegurem que não há necessariamente carência de dinheiro. O que está em falta, segundo eles, é coragem para colocar o rico dinheirinho em jogo, num contexto social permeado de incertezas, inclusive no plano político-institucional.

As cadernetas de poupança, por exemplo, estão grávidas de reais. Elas são a modalidade de investimento preferida do povo brasileiro, de uma maneira geral. Em situações de crise, quem tem algum dinheiro sobrando, e não entende nada de aplicações mais sofisticadas, corre para as cadernetas, por entender que ali é mais fácil resgatar, total ou parcialmente, os valores guardados.

O Brasil precisa encontrar uma forma de aplicar uma poderosa injeção de ânimo em si próprio, de maneira a reagir ao quadro recessivo, potencializado pela pandemia do novo coronavírus. Deve, de alguma maneira, tornar-se um país atrativo para o capital, tanto interno como externo. Do jeito que está sendo conduzido, não tem como evitar que a vaca vá para o brejo.

Não é tarefa fácil. Dados recentes, divulgados pela Organização das Nações Unidas (ONU), dão conta de uma diminuição, na ordem de 50%, dos fluxos de investimentos para a América Latina. E o Brasil figura entre os países mais afetados. Apesar do otimismo do ministro da Economia, Paulo Guedes, o fosso da recessão brasileira está se ampliando, e pode, sim, engolir o país.

O quadro econômico atual é completamente diferente daquele que se apresentava no início do ano. Analistas apostavam na retomada do crescimento econômico brasileiro, motivada por fatores como a reforma da Previdência. Não deu tempo de saber se estavam certos ou não. Logo mais a pandemia se instalaria, no país, tornando obsoletos todos os prognósticos.

Foram fragorosas as derrotas do governo federal nas áreas de saúde e educação. Tenta-se agora salvar a economia, baixando as taxas de juros, mas o estrago feito pela pandemia exige mais do que isso. A queda do Produto Interno Bruto (PIB), que pode chegar a 6,5%, sinaliza para uma fase obscura, e ficar à espera de um 'milagre' do governo Bolsonaro, sem dúvida, é a pior alternativa.

Artigo

Martinho Moreira Franco  
martinhomoreirafanco46@gmail.com

# Um domingo especial

Até que enfim, em tempos de pandemia, um domingo para esquecer o inimigo invisível e lembrar que a vida é para ser vista com bons olhos. Enquanto escrevo, na tarde já invernosa da sexta-feira, não entendo bem o que a nova estação reservaria para hoje. Tenho cá minhas cismas com a meteorologia. Sinto, porém, que deverá ser um dia branco, feito o da canção de Geraldo Azevedo. Um dia que "promete o sol, se o sol sair, ou a chuva, se a chuva cair". Portanto, chova ou faça sol, minha expectativa é de que será muito especial. Como quer o poeta, "numa praça, na beira do mar ou num pedaço de qualquer lugar". Em suma, nesse dia branco, se branco ele for, haverá motivos para vivê-lo intensamente, a começar pelo retorno das missas presenciais a nossas paróquias. Ou haverá forma mais adequada de iniciar um bom domingo senão na nave de uma igreja ou perante um altar?

Recebida a bênção final, cada fiel certamente se sentirá de espírito confortado, mente serena e corpo leve para respirar o ar que o rodeia. Pode até andar de encontro ao vento e outra vez se ver sorrindo como quem volta de um sonho lindo. Não foi assim que o compositor Michael Sullivan colocou no cristal da garganta de Gal Costa e no vulcão do gogó de Tim Maia? Pois, que assim seja! Talvez os parques e as praças estejam quase desertos de pessoas, mas as plantas e as árvores não negarão aos eventuais transeuntes as emanções do perfume nem o sortilégio dos ventos matinais. No caso de João Pessoa, a cidade ainda é rica em bolsões de clorofila para desfrutar vegetal dos seus moradores.

E já que estamos em fase de flexibilização gradual de serviços, quem sabe não haverá chance de encontrar em algum mercado público de bairro a oferta de uma fruta, de um queijo, de um doce caseiro de sobremesa? A galinha do almoço estará à espera da família, com acompanhamento de feijão verde e arroz de festa. Sem faltar cervejinha e refrigerante bem gelados. Depois desse horário, vem aquela sonolência pedindo cama no quarto ou rede na varanda, seguindo-se o cochilo que antecipa a ansiedade pelo fim de tarde mais indesejado da semana. Mas aí já se passou um belo domingo como deve ser este de hoje.

Por que isso? Ora, até sugeri pistas ao circunstanciar alguns hábitos (menos o da devoção religiosa) do ilustre aniversariante do dia. Ou vocês não sabem que o cronista Gonzaga Rodrigues completa hoje 87 anos de idade? Caprichosamente, o calendário reservou um domingo para o 21 de junho de 2020, já que nenhum outro dia da semana seria mais adequado para marcar data tão cara aos seus familiares, parentes e amigos. E é justamente o aniversário de Gonzaga que torna especial o dia agora festejado. Pelo que representa para as amigadas que o jovem octogenário escravizou ao rememorar o sítio que anda com ele desde Alagoa Nova até Filipeia e outras saudades, passando por Campina Grande. Que tenha vida ainda mais longa o grande cidadão paraibano, glória das nossas letras, guia intelectual e espiritual de várias gerações do seu sublime torrão! Duvido que haja vírus capaz de impedir a celebração de passagem timbrada por esse emblema. Pode até ser apenas virtual. Mas terá o sinete real do sentimento de fraternidade que move a admiração dos escravos do Neginho.

/// Nenhum outro dia da semana seria mais adequado para marcar data tão significativa ///

Artigo

Sitônio Pinto  
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

# Primeiros milagres

Ele me deu a Primeira Comunhão. Foi na Igreja das Mercês, na esquina da Rua 13 de Maio com a Rua Padre Meira, por volta dos anos 51, mais ou menos 52. Tinha um nome fácil de ser memorizado: Padre Zé. Fomos preparados para o evento pelo Padre Levy, naquele tempo ainda seminarista. Naquele tempo não sabíamos a diferença entre um padre e seminarista; mas Levy tinha muita embocadura para o sacerdote, e cunhou o arquétipo do padre na minha retentiva.

Era no tempo que se comungava em jejum, e fomos fazer a primeira refeição no Orfanato Dom Ulrico, ali no começo da Rua João Machado. Quase na esquina, o marco de um dos pontos mais altos da Cidade das Acácias, do poeta Jomar Souto. Uma notícia atravessou aquele tempo: Padre Zé fora atropelado! Até então, eu não sabia o que era ser atropelado. As pessoas grandes me explicaram que era ser pego por um carro.

E Padre Zé fora pego por um caminhão. Mas escapou sem maiores danos, pois se agarrara ao para-choque e tivera apenas escoriações, isto é, raladuras.

O barbeiro Geraldo tinha o apelido de "Porróia". Mas na polícia lhe chamavam "Coutinho". Quando diziam "Porróia" ficava bravo. Porque lhe chamavam Coutinho?

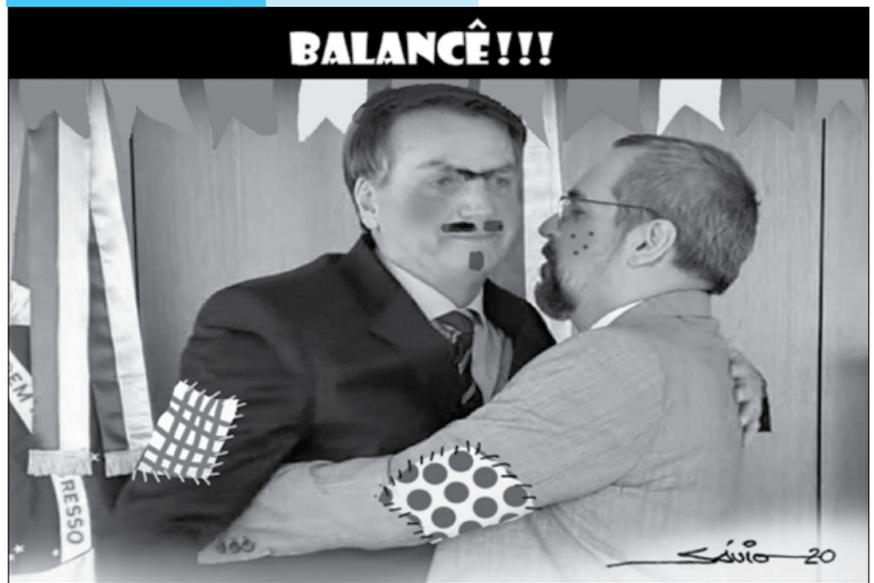
- Porque eu sentei praça a pedido do Padre Zé. Ele me deu um bilhete para o comandante. Quando eu destaquei em Gurinhém, uma vez um soldado me destratou e eu lhe dei uma bordoadada. Peguei uma semana de xadrez. Aí eu tive um caso com a mulher do delegado, por entre as grades da cela. Ele soube, me jurou. Escapei milagrosamente.

/// E Padre Zé fora pego por um caminhão. Mas escapou sem maiores danos, pois se agarrara ao para-choque e tivera apenas escoriações, isto é, raladuras. ///



Domingos Sávio  
savio\_fel@hotmail.com

Humor



## SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória  
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes  
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO  
Uma publicação da EPC  
BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa  
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /  
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R\$200,00 / Semestral ..... R\$100,00 / Número Atrasado ..... R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA:  
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Pelos trilhos da memória

# A Paraíba movida pelos trens

Vivas na memória do paraibano, estações em ruínas e restauradas testemunham patrimônio secular

**Dina Melo**  
dinapereirademelo@gmail.com

Rosalvo Pinto, 69 anos, desde 1954, quando chegou a Sousa, sonhava em ser maquinista. Morando a vida inteira ao lado da estação, onde também brincava, sabia de cor os dias e horários das viagens: “Saía trem todo dia para Mossoró. Às segundas, quartas e sextas, os destinos do Asa Branca eram Recife e Fortaleza, tanto carga quanto passageiros. Aos sábados, vinha o ‘Bacurau’, que transportava os feirantes”, lembra. A paixão pela maria-fumaça era tanta que resolveu se submeter a uma seleção para maquinista – mas atrasou e perdeu a prova. Passou para carteiro (hoje é aposentado). Para compensar, nas viagens de cargueiros, ia na cabine.

“Sousa recebia até 14 trens por dia e as estações eram muito movimentadas. Quando chegava um feriado, nos meus 20, 30 anos de idade, ia passear de trem; nem que fosse só para ir e voltar. Os três primeiros vagões tinham assentos acolchoados, restaurante. Nos demais, bancos de madeira”. O carteiro tem o registro, em áudio emocionado, do maquinista em seu último percurso Mossoró-Sousa. “Hoje é tudo saudade”, lamenta Rosalvo.

No final dos anos 1980, Sousa foi perdendo viagens e hoje o conjunto ferroviário é um memorial da ação corrosiva do tempo, com paredes rachadas, lixo, pichações e portas quebradas. O primeiro modal da cidade deixou de funcionar naquela época. O segundo, em 2007-2008. A Paraíba possui

atualmente 16 estações entre 80 que foram total ou parcialmente demolidas. Só as da Grande João Pessoa, de fato, transportam passageiros. O trecho de Cabedelo, Jacaré, Mandacaru, João Pessoa, Alto do Mateus, Bayeux e Santa Rita (que agrega duas estações) transporta por dia cerca de 12 mil pessoas.

## Sobra memória

As locomotivas cumpriam antes uma vocação econômica do que propriamente o transporte de massas. A empresa britânica Great Western, que começou pequena, em 1870, com 200 km de extensão, alcançou um nível extraordinário de expansão ao incorporar a malha da Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas à de Pernambuco (onde começou operando), atingindo 1,7 mil km de linhas até 1950. “Na transição entre o Império e a República, a Paraíba era comandada por famílias que controlavam o poder político e econômico, com atividades voltadas à exportação. Havia absoluto predomínio do açúcar e algodão”, explica o historiador Gervácio Batista Aranha, autor de “Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)”.

As disputas de poder vitimaram as estradas de ferro. “Uma linha não chegava a esse ou aquele lugar em decorrência de seu potencial econômico... O que sem dúvida explica o porquê de tantos trechos ferroviários no Brasil, e igualmente na Paraíba, os ‘trilhos fantasmas’”, completa Aranha.

## A decadência

“Até os anos 80, as linhas transportavam um grande volume de açúcar demerara das usinas para exportação via porto do Recife – o grande modal que atravessava os estados do Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão. Em 1998, já com tráfego reduzido, a Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA) foi privatizada e entregue para a Companhia Ferroviária do Nordeste (CFN). A Paraíba transportava cereais como milho, minério e álcool”, informa Anselmo Tavares, membro da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias no Estado da Paraíba (Sintefep). Este último item acabou sendo proibido, por questões de segurança, pela Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT).

Em 2010, a CFN, que vinha se recuperando dos estragos da chuva de 2002, responsáveis pela destruição de parte dos trilhos de Alagoas, é acometida por novos alagamentos que cortaram a ligação definitiva com Pernambuco. A última aposta econômica da Paraíba teria se concretizado em 2010, com o desembarque do minério de ferro provindo de Jucurutu (RN), via estação de Juazeirinho, para Suape (PE) – não fosse a extinção do contrato.

Com o passar dos anos, o esforço dos ferroviários em manter viva a economia

sobre trilhos contrastava com o desinteresse das companhias em investir. “O frete para os vagões estava se equiparando ao cobrado nas rodovias, então não havia condições de competir”, diz Tavares. O Sintefep entrou com uma ação no Ministério Público Federal (MPF) contra a União, a ANTT, a Transnordestina Logística SA (TLSA) e a FTL (Ferrovia Transnordestina Logística), alegando abandono da malha ferroviária paraibana. A denúncia foi arquivada.

## A restauração

A Paraíba possui ainda estações em Duas Estradas, Guarabira, Mari, Paula Cavalcanti (antiga localidade de Entrocamento, em Cruz do Espírito Santo), Pilar, Itabaiana, Ingá, Galante, Campina Grande, Pocinhos, Soledade, Juazeirinho, Patos, Pombal, Sousa e São João do Rio do Peixe. Hoje, elas têm tombamento temático pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Para fazer uso desses equipamentos, o órgão precisa ser provocado. “O ideal é que os entes públicos, como as prefeituras, solicitem o interesse sobre o bem.”

Depois é preciso consultar o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) e o Iphan entra com os estudos técnicos de valoração patrimonial”, explica Christiane Finizola, arquiteta do instituto.

São João do Rio do Peixe, Patos, Duas Estradas, Mari, Campina Grande (a malha nova) e João Pessoa deram nova feição e uso social às antigas estações. A Estação de Mari, por exemplo, a primeira a ser tombada pelo Estado, hoje tem uma rádio comunitária. Graças à campanha “Salve a Estação”, São João do Rio do Peixe conseguiu arrecadar, por meio de bingo, pedágios, eventos educativos, jogos beneficentes e parcerias com empresários e a Prefeitura, recursos para revitalizar o prédio, que em 2019 virou um centro cultural e sede da Secretaria Municipal de Cultura – uma ode à memória patrimonial com poucos paralelos no Brasil. “A preservação da estação ferroviária representa uma parte da história que permanecerá viva para as gerações futuras”, justifica o historiador Wlisses Estrela de Albuquerque, um dos coordenadores do projeto.

Foto: Wlisses Estrela | Acervo Particular



## UN Informe

Ricco Farias  
papiroeletronico@hotmail.com

### BRUNO SUGERE QUE “CONVERSAS NOS BASTIDORES” PARA A SUA FILIAÇÃO AO PSD LHE DERAM GARANTIA DE DISPUTAR PREFEITURA



Foto: Divulgação

Em política – fazendo alusão ao canção popular – “pode acontecer tudo, inclusive nada”, tão sujeita a variações repentinas ela é. Contudo, há indícios na atividade, sobretudo aqueles relacionados à campanha eleitoral, que nos permitem fazer projeções quase sem medo de errar. Reportando-me à eleição para prefeito de Campina Grande, é possível enxergar tendências e pistas sobre as candidaturas da situação. No campo governista, dificilmente o cabeça-de-chapa não será o ex-deputado estadual Bruno Cunha Lima (foto), filiado há pouco tempo ao PSD, partido comandado na Paraíba pelo prefeito Romero Rodrigues. O outro postulante ao cargo, o deputado estadual Tovar Correia Lima (PSDB), em que pese ter uma boa relação com o gestor municipal – foi secretário de Planejamento da prefeitura –, é de outro partido e enfrenta resistência dentro da base governista, o que não ocorre com Bruno Cunha Lima. E este parece muito confiante de que será o escolhido, ao ponto de afirmar que, por ter sido convidado para se filiar ao PSD pelo próprio Romero – antes estava no Solidariedade –, isso foi “um forte indicativo público sobre as conversas que ocorreram nos bastidores”. Sim, ele disse “bastidores”, sem nenhuma discrição. Depreende-se disso que Romero o convidou com a promessa de que ele seria o candidato.

### “É UM CONTRASSENDO”

A maioria dos deputados estaduais paraibanos afirma que as eleições de outubro devem ser transferidas para novembro ou dezembro. Ou seja, devem ser realizadas ainda este ano. Wilson Filho (PTB) não engrossa esse coro. Para ele, “é um contrassenso” realizar o pleito, num momento em que se defende a não aglomeração de pessoas.

### “MODELO É EXCLUDENTE”

Quanto à iminente decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de determinar a realização de convenções partidárias de modo remoto, por cauda da pandemia da covid-19, Wilson Filho também discorda da medida. Para ele, esse modelo tenderá a excluir boa parte do eleitorado que não tem internet o que, em sua opinião, “limita o processo democrático”.

### NESTA SEGUNDA-FEIRA

Em sentido oposto ao de Wilson Filho, o senador Veneziano Vital do Rêgo defende que as eleições sejam adiadas, porém para datas ainda este ano – de acordo com ele, a maioria dos seus pares é a favor desse entendimento. Nesta segunda-feira, o colégio de líderes vai deliberar sobre o tema e, caso haja consenso, uma PEC será votada nos dias subsequentes.

### MAIS TEMPO DE GUIA

Veneziano Vital do Rêgo afirma que, devido à pandemia da covid-19, o tema ‘eleições’ não é prioritário nesse momento. Porém, provocado a falar sobre alianças em Campina Grande, onde sua esposa, Ana Claudia, é candidata a prefeita, disse que estão sendo costurados apoios, “até por causa do guia eleitoral, para que se tenha tempo de expor o programa de governo”.

### EIXO NORTE DA TRANSPOSIÇÃO

Tema que ficou secundário no debate político, por causa da crise do coronavírus, a conclusão do Eixo Norte da transposição do São Francisco volta à tona amanhã, numa live com deputados da Frente Parlamentar Interestadual, entre os quais está Jeová Campos (PSB). Os outros são Guilherme Landim (PDT/CE), Francisco (PT/RN) e Antonio Fernando (PSC/PE). Começará às 19h.

### PROPOSTAS QUE ADIAM ELEIÇÕES SERÃO APENSADAS À PRIMEIRA A SER PROTOCOLADA NO SENADO FEDERAL

Tramita no Senado seis PEC que estabelecem o adiamento das eleições. A primeira a ser protocolada foi a de Roldolfo Rodrigues (Rede), motivo pelo qual todas as outras de mesmo teor a ela serão apensadas. Apresentaram PEC com essa finalidade José Maranhão (MDB), Jaques Wagner (PT), Rose de Freitas (Podemos), Soraya Thronicke (PSL) e Marcelo Castro (MDB).

Jean Nunes

Secretário de Segurança e Defesa Social

# “Estamos cumprindo a nossa missão de combate ao crime”

Polícias da Paraíba criaram estratégias para seguir enfrentando à criminalidade e cumprir as novas missões de apoio à área da Saúde

**Beatriz de Alcântara**  
Especial para A União

A pandemia do novo coronavírus está levando a sociedade a pensar em novos padrões e comportamentos, principalmente ligados ao distanciamento social e à necessidade de respeitar o período de quarentena. Enquanto o mundo se aquieta, serviços considerados essenciais continuam atuando sem pausas. Além da saúde, do abastecimento e da comunicação, por exemplo, a segurança pública é um dos trabalhos que não parou e nem pode parar.

Para entender como a Secretaria do Estado da Segurança e da Defesa Social tem atuado no enfrentamento à violência na Paraíba durante o período de isolamento social e o “novo normal”, o Jornal A União entrevistou o secretário Jean Nunes.

“Temos a nítida compreensão que não é com polícia que se resolve essa divisão social, é com política pública e nós estamos aqui no papel de apoiar, conscientizar e de estar próximo desses grupos.”

**É sabido que o trabalho ligado à segurança – principalmente a segurança pública – é considerado essencial. Em períodos de pandemia, como esse que estamos vivendo, ele se torna ainda mais relevante e necessário. Quais têm sido as orientações aos policiais no sentido de fazer a população cumprir o isolamento social?**

■ A gente vem cumprindo a nossa missão, tanto de combate ao crime, quanto de pacificação social da mesma forma que a gente já vinha agindo. Em razão da pandemia, surgiu uma série de outras missões da Segurança Pública para apoiar as ações da Secretaria de Saúde e do Governo do Estado.

Então, a gente em trabalhando nesse sentido de conscientizar a população das necessidades de isolamento, para o cumprimento das normas de segurança sanitária, de saúde pública; o primeiro passo tem sido esse. Em outros casos, já reiterados, a gente tem adotado a providência de conduzir até a delegacia aquelas pessoas que estão em descumprimento dessas normas, para apresentar à Justiça pelo descumprimento de norma de vigilância sanitária, que é exatamente o artigo 268 do Código penal.

**2. Para proteger a população, é importante que os agentes também tomem suas precauções. Quais as medidas de proteção pessoal que cada policial vem sendo orientado a adotar?**

Por ser um serviço essencial e nesse período de pandemia continuamos na linha de frente, igual à saúde, a gente tem dado as orientações de utilização dos EPIs (equipamentos de proteção individual) por parte dos nossos policiais, as máscaras, álcool em gel, higienização das viaturas, das delegacias, de batalhões, da própria sede da secretaria... Enfim, naquelas áreas onde apresentamos maior risco de infecção, estamos fazendo desinfecção em conjunto com o Corpo de Bombeiros e os profissionais da Agevisa.

**Vimos operações ligadas às denúncias de aglomerações, alguns casos de saques a estabelecimentos fechados, dentre outras infrações. Que problemas estão sendo percebidos como mais comuns durante esse período?**

■ Além da questão das aglomerações por causa da pandemia, a nossa central de emergência – Ciop (Centro Integrado de Operações) – teve um aumento de, aproximadamente, 25% das demandas. Seja com relação à aglomeração, ao descumprimento das normas sanitárias, funcionamento de estabelecimentos que não estão permiti-

dos pelo decreto, funcionamento de algumas atividades. As polícias têm sido bastante acionadas nesse sentido.

**Muitas mulheres estão cumprindo o isolamento social com seus agressores, pode haver casos de crianças com seus abusadores. Com relação à violência no ambiente domiciliar, o que tem sido notado? E quais as medidas que estão sendo tomadas para garantir a segurança dessas mulheres – inclusive para denunciar algum tipo de agressão?**

■ Esse é um tema muito importante e já tem nossa preocupação. A gente cuidou em fazer, em conjunto com a Polícia Civil e com a Companhia de Processamento de Dados do Estado da Paraíba – Codata, a possibilidade de uma série maior de registros de ocorrências através da delegacia online. E dentre esses registros, foi inovada a possibilidade da mulher solicitar as medidas protetivas sem sair de casa\*. Isso é uma inovação a nível nacional, inclusive o Conselho Nacional de Justiça tomou conhecimento dessa medida e tem feito videoconferência com a gente para tentar replicar essa boa prática em outros estados.

A gente tem que observar também que não há um aumento, no caso das denúncias, não porque não estejam acontecendo agressões, mas porque as vítimas estão próximas dos seus agressores, por isso o Estado desenvolveu essa ferramenta para a vítima poder denunciar pelo celular ou computador de qualquer lugar.

**O Monitor da Violência é uma ferramenta que registra dados de crimes violentos – como homicídio doloso, latrocínio e lesão corporal seguida de morte. No mês de março, o último registrado até então, a Paraíba contabilizou 89 casos totais desses crimes, enquanto estados vizinhos como Pernambuco e Rio Grande do Norte contabilizam 361 e 113 respectivamente. Como esse cenário manteve nos meses de abril e maio? A pandemia mudou algo nos números?**

■ Com relação aos crimes violentos, de uma maneira geral, houve um aumento em abril e maio também. A gente ‘tá’ conseguindo rebater isso agora e estamos trabalhando para uma queda significativa. Até maio teve um aumento, mas isso não foi uma realidade só do nosso Estado, todos os estados tiveram um aumento significativo, por exemplo, o Ceará aumentou 103.5% só em maio. Essa realidade de aumento generalizado desses crimes no país e no Nordeste tem sido muito evidente esse ano. Agora, a gente continua trabalhando forte nas operações, nos nossos planejamentos estratégicos, para que possamos retomar a normalidade das coisas e, para o mês de junho, já temos uma boa expectativa.

**Recentemente foi possível acompanhar a apreensão de diversas quantidades de drogas no Estado. O que tem sido feito para combater o problema do tráfico de drogas? E quais os resultados que podem ser constatados?**

■ A gente tem um aumento com relação às drogas, em comparação ao mesmo período no ano passado. Em quatro meses de 2020 apreendemos mais de uma tonelada e meia. Só agora em maio foram meia tonelada de maconha em Campina Grande e, diariamente, as polícias estão fazendo apreensões de vários quilos de maconha e cocaína, por exemplo. O que temos feito é um trabalho de inteligência e de articulação com outros estados, com a administração penitenciária, para que a gente possa tirar de circulação esses criminosos e essa droga. É um trabalho fundamental para o combate às drogas. A gente tem observado que as apreensões têm aumentado muito em outros estados também, então o período de pandemia não fez com que esses criminosos parassem suas atividades.

Os resultados que temos são comparativos de apreensão e quantitativos, mas o resultado prático junto à população ou junto aquele grupo de usuários ou traficantes, precisa ser aprofundado. Não existe no Brasil, de maneira geral, um indicador que comprove a efetividade dessas apreensões, então ainda carece de uma política pública de combate às drogas que venha do Governo Federal, que a gente consiga implantar em todo o país para ter uma unidade de ações e que a gente possa ter indicadores de como mensurar os resultados disso.

**Casos envolvendo facções criminosas da Paraíba e também de estados vizinhos têm sido observados, como por exemplo, no município de Catalé do Rocha. O que há de investigações voltadas para combater as facções criminosas?**

■ Existem estratégias que temos articulado com as inteligências dos estados vizinhos, com a Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, Exército e Agência Brasileira de Inteligência – Abin. Geralmente, essas pessoas que se autointitulam faccionados muitas vezes vem de outros estados, recebem influência de fora, de outras regiões do país, e essa articulação precisa ser feita de maneira sistemática. Temos feito essa integração de ações e de articulação com os estados vizinhos e a nossa inteligência para que a gente possa combater e se antecipar as ações desses grupos.

**iu-se no Brasil e no mundo um levante contra o racismo e, principalmente, contra a violência causada por agentes do Estado. No ano de 2019, a Paraíba registrou uma queda de 13% nos índices de violência policial. Qual a principal ferramenta de preparo e de instrução que os**

**agentes paraibanos recebem para apresentar esse tipo de resultado?**

■ Existe uma política, a nossa política Paraíba Unida pela Paz é uma política pública de segurança que tem vários nortes que orientam, desde a capacitação e formação para os policiais ingressos até para aqueles que já estão conosco, e que são feitas de maneira rotineira. E temos um trabalho de conscientização para esse tipo de demanda que se apresenta e, que em alguns outros estados e países, é muito grave essa situação.

A gente tem procurado formar, desde o início, e capacitar nossas polícias de uma maneira muito humanizada, cada vez mais próximas dos grupos mais vulneráveis, como negros, pobres, mulheres, idosos, crianças – que precisam desse apoio diferenciado. A gente precisa aproximar nossa polícia desses grupos e não tentar resolver esses problemas de vulnerabilidade social com força policial. Temos a nítida compreensão que não é com polícia que se resolve essa divisão social, é com política pública e nós estamos aqui no papel de apoiar, conscientizar e de estar próximo desses grupos.

**E como você percebe a importância dessa luta, principalmente, ligada ao movimento “Vidas Negras Importam”?**

■ É muito importante, é um tema que deve ser pauta diariamente. A gente não pode, em qualquer política pública de segurança, deixar de considerar que esse é um tema que precisa ser enfrentado. As nossas polícias precisam estar atualizadas, conscientes desse papel que não é de distanciamento, é de proximidade para que a gente possa cada vez mais compreender as situações e as dificuldades. Assim entender que não é com polícia que vamos diminuir essas desigualdades, mas com política pública social, de educação e, de segurança pública também, mas não de maneira opressora, e sim incluindo em ações sociais.

Nossas polícias possuem ações inclusivas voltadas para pessoas em vulnerabilidade social. Nós temos o Proerd na Polícia Militar, que a gente consegue absorver uma boa quantidade de crianças e adolescentes em situação de risco; tem o Bombeiro na Escola e o projeto Gol 10 do Corpo de Bombeiros, que também recebe essas pessoas em situações de vulnerabilidade; o Criança Cidadã pela Polícia Civil. É fundamental e essa discussão tem que estar sempre presente no nosso cotidiano.

**(\*) De 18 de março até 7 de junho foram homologadas 507 medidas protetivas de maneira presencial. O serviço de solicitação dessas medidas através da internet foi disponibilizado em 23 de abril e, até o início de junho, foram homologadas 158 medidas protetivas.**



# A arte de se reinventar em pleno período de pandemia

Em meio à crise econômica e a projetos adiados, muitos tiveram que (re)descobrir talentos para tocar a vida adiante

**Laura Luna**  
npon no no on onp nop

Para muitos as metas estavam traçadas. Mesmo os que não tinham todos os projetos em mente, tinham pelo menos uma ideia do que fariam em 2020. Seguir com os estudos, procurar um novo trabalho, morar fora do país, entrar na academia

e não faltar um dia sequer. Eram muitos os sonhos para o ano que estava começando, mas o que ninguém sabia é que ainda nos primeiros meses, uma pandemia como há séculos o mundo não via, mudaria tudo.

Reginaldo Figueiredo, 48, estava com todo o projeto de 2020 na cabeça e também no papel. Esportis-

ta e praticante de jiu-jitsu, o produtor de eventos havia programado seis campeonatos para o ano. "Um a cada dois meses. Tudo muito bem estruturado e organizado". O primeiro aconteceria uma semana depois do decreto de isolamento social, ocorrido em março, mas não aconteceu. Reginaldo conta que as medalhas já estavam

compradas. "Foram 12 mil reais só de medalhas. Lembro que eu e os demais organizadores até pensávamos que tudo ia passar rápido e que o evento logo seria realizado". Mas não foi isso que aconteceu e Reginaldo conta que parado em casa começou a ver a reserva que tinha juntado, secar. "Aí eu me vi atônito, angustiado, bateu logo a ansiedade, não tem como".

Foi nesse momento que veio em mente um plano B. Reginaldo estava certo de que não podia ficar parado aguardando a pandemia passar. Foi quando resolveu trazer de volta um hábito antigo, junto a uma velha receita que já fazia sucesso entre parentes e amigos. "Vou voltar a fazer minha feijoada!" Percebi que com os restaurantes fechados os delivery's estavam bombando e vi a oportunidade". E deu tão certo que a Feijoada do Regi, que era servida só aos domingos já faz entrega aos sábados também, pedidos não faltam, tanto é que foi preciso comprar um fogão industrial, um freezer e uma panela maior. "Escolho os ingredientes, corto as carnes, dessalgo, faço o arroz, a farofa, embalo e entrego, mas já estou vendendo uma pessoa para fazer essa distribuição". Um negócio que Reginaldo toca sozinho com a ajuda da mãe.

"É uma idosa de 80 anos mas cheia de disposição, ela faz questão de me ajuda a



O esportista Reginaldo Figueiredo foi obrigado a deixar os campeonatos de lado e resolveu voltar a uma antiga atividade: fazer e vender feijoada



A 'Feijoada do Regi' começou a ser vendida só aos domingos. Hoje, por conta da demanda, ele já vende também aos sábados

preparar a couve. Aqui em casa nós dois somos de grupo de risco, por isso temos muito cuidado". Sobre deixar de stand by os campeonatos, retomar o hábito de cozinhar e se reinventar em meio à pandemia, o entrevistado declara. "Realmente foi uma bênção de Deus. Muita gente não percebe que dentro da crise existem novas coisas, novas oportunidades, quem diria que eu estaria dando uma entrevista", comenta emocionado.

## + Mãe e filha passaram a fazer cestas temáticas

Já o caso de Tina e Livia Mousinho é um pouco diferente. Mãe e filha descobriram durante o isolamento social uma habilidade que talvez nunca imaginaram ter. Estão fazendo sucesso com a venda de cestas personalizadas. Kids, chá da tarde, vinhos e frios são algumas das opções, todas recheadas de muitas guloseimas e decoradas com capricho. Interessante é que a vendedora de roupas e a estudante de Direito caíram de paraquedas no negócio. "Foi um colega que pediu uma sugestão de alguém que fizesse esse tipo de cesta e por não conhecer ninguém nós começamos a pesquisar com a intenção de ajudá-lo. Pronto, daí pra fazer a primeira foi rápido", conta Livia, que foi afastada do emprego assim que a pandemia começou. A nova atividade além de quebrar a monotonia do isolamento está rendendo e tem animado mãe e filha

que já adiantaram: "Temos cestas temáticas, a do Dia dos Namorados foi um sucesso. No início da semana já estávamos com as reservas feitas", confessou Livia. As redes sociais e o boca a boca, segundo a entrevistada, ajudam a impulsionar o negócio, mas não é só isso, as cestas são preparadas com muito capricho e têm apresentação diferenciada. "Temos uma cesta de andares assinada por um amigo decorador, o caixote, a bandeja tradicional. Trabalhamos com alguns produtos caseiros como geleias e patês".

Para como começou de maneira despreziosa, há menos de um mês, em plena crise econômica causada pelo novo coronavírus, a Divine Coffee vai muito bem, obrigada. "Em plena crise, quando as dificuldades estão batendo à porta pra gente foi uma deliciosa descoberta que tem nos deixado muito felizes. É um trabalho que demanda muito mas que é muito prazeroso".



Tina e Livia Mousinho nunca pensaram em fazer cestas personalizadas. Mas ajudando um amigo descobriram o talento e estão gerando renda com as encomendas que chegam

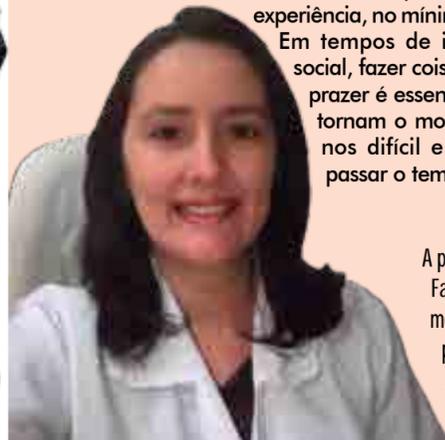
## Criatividade nasce na zona do desconforto

A psicóloga Mônica Farias fala em zona de desconforto e diz que a situação difícil, pela qual muitos estão passando, pode sim provocar uma virada na vida com mudanças que podem fazer a diferença. "Do próprio caos a gente tem muito crescimento. Não é tão bom estar na zona de conforto, que pode ser uma zona de estagnação. E a zona de diferenciação ou desconforto se mostra como propícia para mudança".

Sobre o tempo livre e o ócio, que podem decorrer do isolamento social, Mônica acredita serem grandes colaboradores da criatividade. "Porque no dia a dia a gente tem muita ocupação e com mais tempo as pessoas conseguem exercer mais a criatividade. A questão é que nesse momento nós podemos desaprender velhos padrões e dar espaço ao novo sem ter medo de fracassar".

O tempo livre e a necessidade, de fato, fez muita gente se redescobrir e partir para novos desafios. Sair da zona de conforto ou de uma situação contrária para se sentir melhor, minimizando as consequências de uma experiência, no mínimo, inédita.

Em tempos de isolamento social, fazer coisas que dão prazer é essencial porque tornam o momento menos difícil e ajudam a passar o tempo.



A psicóloga Mônica Farias afirma que momentos difíceis podem provocar uma boa virada na vida

# Da fisioterapia à doceria, o caminho da força de vontade

Com clínica fechada por falta de cliente, fisioterapeuta agora se dedica à produção de bolos, pudins e pavês

**Chico José**  
chicodocrato@gmail.com

Nestes tempos de pandemia, muita gente que está fora do mercado de trabalho, ou teve que suspender sua atividade, está buscando formas alternativas de sobrevivência. Foi assim que, em Campina Grande, a fisioterapeuta funcional Manuela Albuquerque mergulhou no mundo dos doces e salgados como alternativa para se manter enquanto o funcionamento de sua clínica não volta.

Por falta de clientela, a clínica de fisioterapia que funcionava no condomínio Mundo Plaza Empresarial, às margens do Açude Velho, teve que parar. Mas Manuela não parou e enveredou por outro caminho. “Eu estou muito surpresa. Já tinha a visão de abrir um negócio relacionado à gastronomia que eu gosto muito, mas ainda não tinha parado para organizar. Quando aconteceu a pandemia eu resolvi parar e reorganizar as ideias, para poder colocar em prática. E está dando certo”, contou.

Comercializando bolos, pudins, pavês e outras opções da doceria, Manuela revela que está tendo boa aceitação do público aos seus produtos e já planeja conciliar as atividades de fisioterapeuta e doceira. “Estão gostando muito. Tem praticamente um mês que a gente começou e está ficando corrido e vou precisar de mais pessoas para me ajudar. Quando tudo voltar ao normal, vou tentar organizar meus horários no consultório

com os horários de fazer as comidas. Vou conciliar as duas atividades”, afirmou.

## Família se reinventa

A jovem fisioterapeuta não está sozinha nessa experiência informal de sobrevivência. No pequeno negócio em casa, ela tem o apoio da sogra, Lúcia de Fátima Fernandes, que trabalha com salgados. O namorado e o sogro não ficam de fora, ajudam na logística para atender aos pedidos.

Lúcia de Fátima tem uma história parecida com a da nora. Ela trabalha numa empresa comercial. Foi afastada por motivo de doença. Submeteu-se a um tratamento, se recuperou. Mas quando tentou voltar ao mercado formal de trabalho, veio a pandemia da covid-19 e, com ela, a suspensão de contratos.

Moradora do bairro das Malvinas, zona sudoeste de Campina Grande, ela seguiu os passos de Manuela. Está produzindo salgados e já conseguiu uma boa aceitação. “Eu trabalho com salgados. Faço delícia de macaxeira, creme de galinha, salpicão, batata recheada, e trabalho com coxinha, por enquanto. Em breve vamos ter outros tipos de salgados, se Deus quiser”.

Perguntada sobre a aceitação das pessoas à sua gastronomia, ela disse que está surpresa com a procura, porque está sendo o resultado de uma atividade iniciada há pouco tempo. “A aceitação está sendo impressionante. Eu tenho que agradecer a Deus e às pessoas que estão nos procurando”, afirmou.



Foto: Arquivo Pessoal

A fisioterapeuta Manuela Albuquerque já cogita unir as duas profissões depois que o período da pandemia passar

## Material reciclável como fonte de renda

**Chico José**  
chicodocrato@gmail.com

Na cidade de Esperança, a 23 km de Campina Grande, uma história diferente foi descoberta. É a história de Betânia Diniz, uma jovem concluinte de Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba. Ela revelou que sempre trabalhou com a venda de folheados a ouro. Mas, nessa fase de pandemia e de distanciamento social, está sem poder visitar as clientes e buscou no artesanato utilitário, um meio de sobreviver à crise.

“É complicado. A questão da fonte de renda está difícil para todo mundo. Tem esse auxílio emergencial, só que ele não contempla a todos. Eu sou autônoma, trabalhei com várias coisas, com vendas de roupas, e ultimamente vinha trabalhando com folheados, e agora tive a ideia de trabalhar com reciclagem”, contou. Para a nova atividade, Betânia utiliza objetos descartados e recicláveis e transforma em peças decorativas.

“Algumas vizinhas conhecem meu trabalho. E com essa pandemia, veio a ansiedade. O fato de estar isolada socialmente deixa o psicológico também afetado. Trabalhar adequadamente é uma alternativa de passar por este momento de forma mais saudável”, disse.

## Em Patos

# Empresa passou a fazer cápsulas de proteção

**Lusângela Azevêdo**  
lusangela013@gmail.com

Em Patos, Sertão da Paraíba, assim como em todo Brasil as empresas e instituições do setor da construção civil sofreram grandes impactos na economia em função da pandemia. “Com a paralisação das atividades, em função da covid-19, nosso faturamento reduziu mais de 80%, impactando de forma acentuada no resultado financeiro da empresa”, explicou Raniere de Farias Pereira, administrador do Grupo Hanna.

Raniere tem um casal de filhos médicos que atua na linha de frente da covid-19, no Complexo Hospitalar Deputado Janduhny Carneiro, e outra filha que cursa o 4º período de medicina. Entre o medo de conviver com a doença de perto e a crise econômica, surgiu uma ideia: desenvolver equipamentos para proteção dos profissionais da saúde e dos que precisam redobrar os cuidados com a covid-19. Assim nasceu o projeto Hanna Saúde.

“Havia uma demanda crescente do mercado pú-



Fotos: Divulgação/Hanna



Raniere de Farias viu o ramo da construção civil parar e, com filhos médicos na linha de frente da covid-19, lançou o projeto Hanna Saúde, que visa a proteção dos profissionais da saúde

blico e privado por mecanismos de proteção e prevenção e percebemos que o desenvolvimento de tais soluções eram compatíveis com nosso processo de manufatura industrial, tanto em relação à disponibilidade de matéria-prima, quanto a maquinários e mão de obra qualificada”, relatou.

A empresa buscou o assessoramento de pro-

fissionais técnicos da área médica hospitalar, além da área de engenharia e consultoria empresarial do Sebrae de Patos, para com isso atender às normas técnicas vigentes no mercado e oferecer segurança e eficácia no uso dos produtos.

O primeiro projeto desenvolvido pelo Hanna Saúde foi a “Cápsula Medical Protector”, um equipa-

mento de proteção, feito de acrílico, que cria uma barreira física entre os atendentes e pacientes. A iniciativa tem como objetivo evitar que secreções dos contaminados entrem em contato direto com a equipe de atendimento, reduzindo os riscos de contaminação, mas sem comprometer o trabalho dos profissionais de saúde.

“Essa cápsula protege bastante e diminui consideravelmente o risco de transmissão e contaminação do profissional que está em contato direto com a via aérea do paciente. Nos procedimentos em que há manipulação da via aérea a exposição é enorme”, destacou a médica Hanna Florentino, filha do empresário.

A empresa doou a pri-

meira cápsula de acrílico para o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) de Patos e realizou uma simulação de atendimento para demonstrar na prática a eficiência do novo equipamento. A diretora do Samu, Elba Medeiros, afirmou que “o equipamento é totalmente eficaz e que é um complemento à segurança dos profissionais de saúde”.

# Pandemia muda valores e comportamento consumista

Pessoas que compravam sem necessidade reavaliam modo de vida e descobrem novas perspectivas de prazer

Sara Gomes

saragomesilva@gmail.com

De maneira geral, a necessidade de isolamento social provocou a diminuição do consumo. Em tempos de incertezas e elevação de preços, as pessoas têm priorizado as compras essenciais e deixado de lado os produtos supérfluos. Há de se levar em consideração o questionamento: para que comprar uma bolsa ou sapato quando sequer estamos saindo de casa? O momento é de trabalhar a ansiedade e investir no que realmente importa, aconselham os consultores.

A proprietária do brechó Jardim das Margaridas e Cultive Moda Compartilhada, Adriana Guimarães, disponibilizou vendas on-line no começo da pandemia, porém, cancelou dez dias depois ao perceber que incentivar o consumo, em tempos de incertezas, não condizia com os valores e missão do seu empreendimento.

“Apesar de ser um negócio que também precisa de vendas para se sustentar, optei por não vender até o fim da pandemia. Nada contra quem continuou vendendo, mas não estava me sentindo bem. Coloquei-me no lugar das pessoas que estão passando necessidade, tiveram redução de salário ou até perderam o emprego. Essa questão financeira impactou a vida de todo mundo, precisamos dar prioridade às coisas básicas. Como as pessoas vão consumir roupas se elas estão em casa? Estaria incentivando um ato compulsivo que seria completamente contraditório ao que eu prego no meu brechó”, enfatizou.

Adriana Guimarães aproveitou a resiliência que o isolamento social permite para criar um projeto inovador durante a quarentena. “Desde o ano passado estava com esse projeto em mente, mas nunca tinha tempo de colocá-lo em prática, então, aproveitei a oportunidade. Próximo mês vou divulgar este projeto criativo e pioneiro na Paraíba”, disse.

Este é o conselho da psicóloga Ludmila Rodrigues. Em tempos de isolamento social, manter uma rotina, ainda que, com pequenas metas, ajude a manter o equilíbrio mental.

“Ficar ocioso potencializa a ansiedade. Tenho aconselhado meus pacientes a manter uma rotina como forma de reduzir o estresse. Está ansioso? Arruma o quarto ouvindo música, procura uma atividade que te dê prazer. Reclamamos tanto que não temos tempo de curtir a família, assistir a um bom filme ou ler um livro que está na sua estante há anos”, sugeriu.

Isolamento social pode ser boa oportunidade de rever comportamentos e valorizar mais a família, os amigos, ou ainda usar o tempo para ler ou assistir a bons filmes



Foto: Pixabay

“Templo” maior do consumismo, shoppings ficaram vazios nesses tempos de pandemia. As pessoas perceberam que não precisam comprar tanto para ser felizes, acreditam especialistas

## + Novo modo de vida pede outras prioridades

Foto: Arquivo pessoal

Na opinião da psicóloga clínica, Ludmila Rodrigues, a pandemia provocou uma mudança de perspectiva em relação ao consumo. “As pessoas estabeleceram outras prioridades. Antes, gastavam dinheiro com qualquer coisa, agora, a prioridade é comida. Observo também que as pessoas estão refletindo sobre o que traz sentido à vida. Elas sentem falta do abraço, de estar com os familiares e amigos, das pequenas coisas do cotidiano. Por isso, o processo terapêutico é tão importante nesse momento”, analisou.

A ansiedade é um dos transtornos que mais ocasionam compulsão, seja por compras, comida, jogos ou vícios em álcool, cigarro e outras drogas. Conforme a psicóloga, as pessoas cometem atos compulsivos na tentativa de preencher vazios, saciando-os por um curto prazo.

A arquiteta Alexandra Mattos, 44 anos, é um exemplo de mudança de comportamento a ser seguido. Ela tinha uma rotina intensa de trabalho e um guarda-roupa privilegiado, por precisar estar bem vestida nos eventos sociais, mas não tinha tempo de curtir a família e a si mesma. Ao assistir o documentário ‘Minimalismo’ e refletir sobre a indagação de sua empregada doméstica, decidiu mudar de atitude. “Ela me perguntou: ‘A senhora já parou para pensar que só tem um corpo e dois pés?’ Aquela frase me impactou tanto! Meu guarda-roupa estava praticamente todo ocupado. Como estava me mudando para João Pessoa, doe



Alexandra aproveitou para se desfazer do que não precisava e “enxugou” o guarda-roupa

quase tudo a amigos, familiares e vendi algumas peças em brechós. Embarquei apenas com uma mala. Hoje, tenho apenas 30 peças, incluindo, as roupas íntimas”, lembrou.

Para Alessandra Mattos, a pandemia oferece uma oportunidade às pessoas de repensar seus comportamentos. Há quatro anos, ela trabalhava em duas

prefeituras na Região Metropolitana de São Paulo; apesar de prazeroso, não tinha tempo para curtir os filhos e família. “A pandemia é um convite ao aprendizado. O mais importante na vida é o essencial, as pessoas que amamos. Não há necessidade de consumir excessivamente, muitas vezes, para mostrar ao outro do que a você”, opinou.

## Setor ainda debate como superar crise

O consultor financeiro Rafael Bernardino analisa o padrão de consumo durante e após a pandemia provocada pela covid-19. “Só os serviços essenciais como supermercados, utensílios para casa, padaria, delivery e farmácia não estão sofrendo com a crise, mas o comércio local, principalmente, o setor de vestuário é o mais prejudicado. No entanto, o processo de retomada do consumo precisa ser repensado”, analisou.

Além de consultor financeiro, Rafael Bernardino é presidente da Associação Comercial da Paraíba (Ascom) e faz um pedido à população. “Compreendo que as pessoas estão comprando on-line, principalmente, quem já tinha o hábito antes da pandemia. No entanto, quando a pandemia acabar, os consumidores precisam dar preferência ao comércio local porque, senão, a economia vai quebrar. Precisamos da união de todos para sair dessa crise econômica”.

Os especialistas na área de economia, segundo Rafael Bernardino, discutem o indicador da retomada pós-pandemia.

“A roda da economia vai voltar a girar, ainda que, no ritmo lento. O gráfico V indica uma caída brusca e retomada na mesma proporção. Já o gráfico U prevê que a economia ficará baixa um tempo e depois voltará a subir gradativamente. É nesse modelo que acredito”, analisou.



Foto: Marcus Antonius



Foto: Marcus Antonius



A Igreja de Nossa Senhora do Livramento (à esq.) e o Santuário de Santa Rita de Cássia (dir.) são exemplos da arquitetura encontrada na cidade e também locais potenciais para o turismo religioso no município

# Um passeio doce pelas trilhas da “Terra dos Canaviais”

## Santa Rita abriga grutas, cavernas, ruínas de engenhos, fontes de águas minerais, arquitetura e muitos cenários para mostrar

**Alexandre Nunes**  
alexandrenunes.nunes@gmail.com

Município que dispõe de excelente vocação turística, Santa Rita oferece uma variedade imensa de opções ao visitante, a exemplo do turismo religioso, já que a cidade dispõe de um importante conjunto de capelas e igrejas seculares, a começar pelo Santuário de Santa Rita de Cássia.

No turismo ecológico, o município tem um rico arquipélago de ilhas estuarinas, que fica nas imediações do distrito de Forte Velho, o segundo núcleo de povoamento mais antigo da Paraíba. Nas ilhas de Tiriri, Stuart, Restinga, Andorinhas, que ficam no estuário do Rio Paraíba, se destacam diversos tipos de ecossistemas, como manguezal e resquícios da Mata Atlântica e de restinga, além de praias fluviais.

A Ilha Stuart, por exemplo, tem como patrimônio histórico esquecido o “cemitério inglês”, praticamente soterrado pela areia e inundado pelas águas. Segundo comentários de ribeirinhos, ali eram enterrados os anglicanos renegados pela Igreja. Já na Ilha Tiriri ainda podem ser vistas ruínas da primeira fábrica de cimento da América Latina, no século XIX, devido à existência abundante, na época, de pedra calcária. Segundo revela Sildo Alves de Moraes, especialista em Educação Ambiental e graduado em História, a região tem ainda como destaque o Mirante do Atalaia, entre as comunidades de Livramento e Forte Velho, além da praia fluvial de Ribeira.

Na terra que foi berço de André Vidal de Negreiros, nascido em 1608, existem também grutas e cavernas, ou seja, cavidades de formação arenítica, a exemplo da Caverna dos Índios, localizada no extremo Sul de Santa Rita, nas proximidades do Rio Mumbaba, próximo à divisa com João Pessoa. Outro destaque é o Balneário das Águas Minerais, no bairro do Açude, na sede do município.

Sildo informa que o município resgatou, no último triênio, um forte elemento cultural e turístico, que foi o Festival de Quadrilha Junina, tornando Santa Rita a Capital das Juninas, ganhando destaque no cenário brasileiro, pois os estados da região Nordeste participaram do evento, no ano de 2019, com seus grupos de quadrilheiros. “Em Santa Rita pode-se explorar ainda o turismo ligado à agricultura familiar, nas regiões norte e sul do município, além do turismo em torno das ruínas das usinas e engenhos, bem como a nossa excelente gastronomia”, reforça.

O advogado Severino Celestino Filho, empresário da área de transporte e turismo rodoviário, defende a ideia de implantação de um projeto que explore o potencial turístico de um possível circuito da cana-de-açúcar e das águas minerais de Santa Rita. “Uma ideia que trago comigo é a de procurar os secretários de Turismo do Estado e de Santa Rita, os proprietários das usinas, engenhos e das indústrias de envasamento de água mineral, para formatar um projeto que viabilize a venda de pacotes de turismo para impulsionar um grande potencial a ser ain-

da explorado na “Terra dos Canaviais”. Esse tour turístico pode também melhorar a divulgação e venda de produtos da terra, como o artesanato e a gastronomia”, explica.

Segundo relata Celestino, o roteiro iniciaria com a coleta de turistas nos hotéis de João Pessoa, passaria pelo Engenho do Meio, uma referência histórica da primeira metade do século XIX, seguindo para a Usina Santana, atual Agroval, indo até as ruínas da Usina Santa Rita. “Em seguida, o roteiro passaria pela sede do município, indo até as águas minerais, principalmente, a Indaiá e a Itacotiara, as duas de maior vitalidade, e depois seguindo para a usina São João, onde se faria uma visita às dependências da indústria, num passeio guiado pelas áreas de produção”, detalha.

### Vocação econômica

O município de Santa Rita é quarta maior economia municipal do Estado, possui base produtiva nos setores industrial, agrícola e comercial. Possui uma das maiores extensões territoriais do Estado da Paraíba (726 km<sup>2</sup>), sendo a terceira maior em população (136.586 hab.).

No setor agrícola, o município se destaca na produção de cana-de-açúcar, um processo de transformação que dá origem ao álcool e açúcar, por meio das indústrias Japungú, Miriri, Agroval e São João. Ainda é destaque a produção de abacaxi, macaxeira/mandioca, inhame, batata-doce, feijão verde, milho, coco, manga, melancia, banana, mamão, entre outros produtos, geralmente, produzidos pelos agricultores familiares, que comercializam nas feiras livres ou repassam para a figura dos atravessadores.

Sildo Alves de Moraes, que até pouco tempo foi secretário de Agricultura, Pecuária, Pesca e Abastecimento de Santa Rita, explica que o município, no triênio 2017/2018/2019, deu ênfase à produção da piscicultura e carnicultura, criação de Tilápia e camarão em viveiros escavados, saindo a Tilápia de uma produção de quatro toneladas, no ano 2016, para 23,5 toneladas, em 2018, resultado de cursos realizados em parceria entre a Secretaria de Agricultura do Município e o Departamento de Sistemática e Ecologia do Centro de Ciências Exatas e da Natureza da UFPB (CCEN/UFPB).

“Santa Rita dispõe de uma excelente produção de mandioca de mesa (macaxeira), o que motivou seu ingresso, juntamente com vários outros municípios da Região da Mata Norte e organizações dos governos federal e estadual, na equipe técnica que elaborou o Plano de Desenvolvimento do Arranjo Produtivo Local da Mandiocultura no Estado da Paraíba, com foco no melhoramento da produção, comercialização, transformação em produtos de maior valor agregado”, complementa.

No setor industrial, o município passa por um momento de estagnação, pois algumas in-

dústrias fecharam suas portas, outras reduziram o quadro de colaboradores, para garantir sobrevivência diante da crise política e econômica nacional gerada entre os anos de 2016 e 2017. Na realidade, vários segmentos do setor industrial foram afetados, gerando uma massa de desempregados.

Segundo esclarece Sildo, um setor que cresceu no município, nos últimos cinco anos, foi o de comércio e serviços, com a abertura de grandes

“Pode-se explorar ainda o turismo ligado à agricultura familiar, nas regiões norte e sul do município, além do turismo em torno das ruínas das usinas e engenhos, bem como a nossa excelente gastronomia”

redes de lojas, nas áreas alimentícias, vestuários, calçados e eletrodomésticos, tornando o setor mais atrativo, e provocando uma redução no fluxo de compra no comércio da capital do Estado.

“O município de Santa Rita dispõe de requisitos atrativos para o seu crescimento em um futuro próximo, nos segmentos Industrial, agrícola, comercial e de serviço. Temos uma excelente extensão territorial, água abundante superficial e subterrânea, malhas viárias em perfeitas condições e mão de obra disponível e qualificada. Acredito no potencial do município e no seu crescimento”, afirma o especialista, que tem MBA em Gestão Pública.

Meio ambiente - O município de Santa Rita apresenta uma das maiores riquezas em águas superficiais do Estado da Paraíba. São vários rios e riachos com regime de escoamento perene, além de lagoas e açudes. Entretanto, esses cursos de água sofrem ações continuadas de degradação, provocando sérios desequilíbrios em seus ecossistemas. “Destaco aqui três rios que têm grande importância para o município, nos aspectos econômico, social e ambiental, pois impulsionam o funcionamento da indústria e comércio, abastecem com água potável comunidades inteiras dos municípios de João Pessoa, Bayeux, Santa Rita e Cabedelo. São os rios Paraíba, Tibiri, Gramame e Mamuaba. Esses rios cortam o município, e sofrem em todos os seus cursos ações antrópicas, tais como extração de minérios, desmatamento de vegetação ciliar, lançamento de águas residuais, lançamento de resíduos sólidos, desvio do curso natural, entre outras ações. É perceptível a perda de volume de água nesses rios resultado do assoreamento”, lamenta o ambientalista.

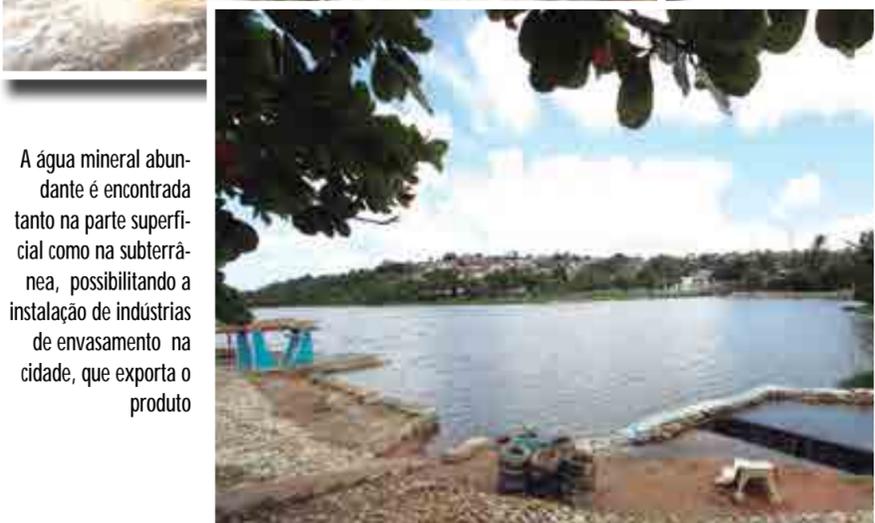
Na opinião de Sildo Moraes, Santa Rita ao longo das duas últimas décadas vem, aos poucos, perdendo a sua cobertura vegetal para a produção agrícola e construção de empreendimentos, algo bem perceptível nas áreas Norte, com mais frequência, e Sul do município. É possível verificar-se ralas franjas às margens das BR-101 e 230. “Há outros pontos de observação da retirada de Mata Atlântica ou vegetação secundária, nas proximidades das comunidades rurais de Lerolândia, Bebelândia, Distrito de Livramento e comunidade de Tibirizinho. Quanto à questão dos manguezais, é perceptível o avanço de construções de moradias próximas dos cursos de água, fazendo a retirada da vegetação”, conclui.

Foto: Marcus Antonius



O Balneário das Águas Minerais é um dos pontos turísticos da cidade, sendo bastante frequentado por visitantes e pelos moradores

Foto: Marcus Antonius



A água mineral abundante é encontrada tanto na parte superficial como na subterrânea, possibilitando a instalação de indústrias de envasamento na cidade, que exporta o produto



Foto: Divulgação

# Fotobiografia de Bibi Ferreira ganha uma edição atualizada

## Obra resgata duas décadas da carreira de uma das maiores artistas brasileiras de todos os tempos

**Guilherme Cabral**  
guipb\_jornalista@hotmail.com

“O casamento de Bibi Ferreira com Paulo Pontes foi o mais importante da vida dela, por causa da relação emocionalmente forte. Bibi dizia que o maior presente da sua vida que Paulo lhe deu foi o espetáculo *Gota D'água*, que é uma versão brasileira da *Medeia*, de Eurípedes. ‘Estou escrevendo para você brilhar’, disse ele”. Esse recorte da união entre Bibi e o dramaturgo paraibano é uma das milhares de recordações do empresário paulista Nilson Raman, que foi produtor cultural da cantora, diretora e atriz por quase 30 anos. Ela faria 98 anos no primeiro dia deste mês.

Raman coordena uma edição atualizada da fotobiografia *Bibi Ferreira - Uma Vida no Palco* (Giostri Editora, 290 páginas). A obra, agora ampliada, completa definitivamente a trajetória de 77 anos de uma das maiores artistas brasileiras de todos os tempos, cuja versão impressa pode ser adquirida pelo site da editora ou acessar para leitura gratuita on-line pelo endereço eletrônico do organizador.

Na época em que escrevia o espetáculo *Gota D'água*, nos anos 1970, Paulo Pontes (1940-1976) já vivia com Bibi Ferreira, no Rio de Janeiro, lembrou Nilson Raman, que conviveu com a artista carioca até o fim da sua vida, em 2019, aos 96 anos de idade. “A relação dos dois era muito forte. Paulo morreu nos braços de Bibi”, garantiu Nilson. “Bibi considerava o texto de *Gota D'água*, um drama escrito em 1975, em parceria com Chico Buarque, o mais importante, por ter maior trabalho de diálogo da dramaturgia brasileira”, apontou.

Nilson Raman relatou outro episódio vivido pelo casal, quando Paulo Pontes escrevia *Brasileiro, Profissão Esperança*, que Bibi dirigiu e que passava por 50 anos da história do Brasil através de textos e grandes sucessos da MPB compostos por artistas como Dolores Duran e Antônio Maria. “Eles moravam anexo ao Copacabana Palace



Foto: Divulgação

Fotos selecionadas para a nova edição foram escolhidas entre oito mil imagens do acervo da cantora, atriz e diretora carioca

Imagem: Divulgação



e a cantora Maysa, que morava perto e iria atuar no espetáculo, deixava bilhetinhos debaixo da porta do casal contendo sugestões para o musical. Só que Maysa não participou porque estava em turnê internacional. Então, Bibi montou em 1970, com Maria Bethânia e Ítalo Rossi, e, três anos depois, com Clara Nunes e Paulo Gracindo, que foi o maior sucesso nos 40 anos de existência do Canecão”, contou.

Segundo o empresário, na época, a união do casal causou certo “escândalo” na sociedade porque pessoas consideravam Paulo Pontes muito jovem para Bibi Ferreira (a diferença entre os dois era de 18 anos), com quem foi casada com o teatrólogo paraibano de 1968 até 1976, ano em que o paraibano morreu prematuramente, aos 36, vítima de câncer.

### Em busca de desafios

A edição ampliada da fotobiografia atualiza em duas

décadas a vida e a carreira de um dos grandes nomes do teatro nacional. Com isso, a obra inclui o período que compreende entre 2001 e 2019, ano em que Bibi Ferreira morreu, no dia 13 de fevereiro. Raman informou que a nova publicação reúne 500 imagens, além de um número idêntico de outros documentos sobre a diva dos musicais no Brasil. “Na verdade, tomei um susto com a quantidade de material. Por isso, meu objetivo, com esse lançamento, é fazer um registro mais completo da trajetória de Bibi, que teve uma carreira longa de 77 anos e trabalhou até morrer”, comentou.

Bibi continuava sempre buscando novos desafios, sempre se renovando e se permitindo, de acordo com o empresário. “Foi uma atriz brilhante, tão querida e reverenciada no Brasil”, ressaltou.

Na reta final da escrita do livro, o produtor cultural teve que incluir outras situações vividas pela artista,

como a doença e, inclusive, a cobertura em âmbitos nacional e internacional sobre o obituário. As fotos selecionadas para a nova edição foram escolhidas entre oito mil imagens do acervo dela. “O leitor vai conseguir fazer um passeio muito mágico e gostoso pela carreira de Bibi. Ela falava muito uma coisa: o teatro é feito pelas mãos dos homens e a cultura é levada pelos seus artistas. Então, essa obra é o registro muito fiel do reconhecimento dela”.

Estão sendo colocados à venda apenas 800 exemplares de *Bibi Ferreira - Uma Vida no Palco*, enquanto outros 600 volumes estão sendo distribuídos gratuitamente a bibliotecas públicas pelo país, em cumprimento à contrapartida social de acessibilidade proposta pela lei de incentivo.

Nilson Raman lembrou que a 1ª edição, de mil exemplares, foi lançada em 2003, com o intuito, na época, de comemorar os 60 anos de carreira de Bibi Ferreira,

completados em 2001. Mas o livro não foi comercializado, segundo ele. A nova edição de 290 páginas foi impressa em papel luxuoso, com a capa e sobrecapa ilustradas com fotos de Wilian Aguiar, fotógrafo oficial de Bibi Ferreira nos últimos 15 anos. A nova publicação ficou pronta no início de março, mas, por causa do início do isolamento social provocado pela pandemia, os trabalhos de lançamento foram suspensos.

A fotobiografia tem vários capítulos temáticos, a exemplo do início da carreira no circo, a figura de Procópio Ferreira como pai e mestre, a estreia aos 18 anos e os amores. Os outros 17 anos de registros da trajetória de Bibi Ferreira que a edição atualizada registra ainda incluem, por exemplo, novas conquistas e fãs, prestígio e públicos maiores. O saldo

final é de 85 espetáculos como intérprete, 62 como diretora, mais de 100 prêmios e homenagens, três grandes shows em Nova York (EUA) e aplausos calorosos. “Além de ser um documento histórico, o livro é um presente, é lindo fisicamente falando. Dá vontade de ter na mesa de centro da sala, para poder folhear sempre. São muitas histórias”, comentou Nilson Raman.



Através do QR Code acima, acesse o site para leitura gratuita da obra

## + “Bibi dizia que Paulo Pontes iria viver duas vezes através dela”

Foto: Divulgação

A última vez que a atriz e cantora Bibi Ferreira pisou no palco do Teatro Paulo Pontes, localizado na Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc), em João Pessoa, foi em maio de 2016. Não foi para se apresentar, mas conceder entrevista coletiva à imprensa sobre o espetáculo *Bibi Ferreira Canta Repertório de Sinatra*, que realizou no dia 14, um sábado, no Teatro A Pedra do Reino.

“Isso foi significativo, pela importância de Paulo na vida de Bibi”, confessou o autor dessa ideia, Nilson Raman. “Bibi sempre gostava

de lembrar e falar de Paulo e, por isso, coloquei ela e os jornalistas todos sentados no palco. Mas também quis, com essa ideia, valorizar o espaço e o nome dele, que morreu muito cedo e jovem. Assim como Procópio Ferreira dizia que, através de Bibi, ele iria viver duas vezes, Bibi dizia que Paulo Pontes iria viver duas vezes através dela. Tinha coisa que não podia sair dos shows e a música ‘Gota d’Água’ era uma”, lembrou o produtor cultural.

Na ocasião, a artista estava com 93 anos, dos quais 74 de carreira. Ela cantou,

acompanhada por músicos e maestro, os grandes sucessos do norte-americano Frank Sinatra (1915-1998), a exemplo de clássicos como ‘Night and Day’, ‘My Way’ e ‘Strangers in The Night’.

“Bibi era muito feliz de poder existir o reconhecimento do nome de Paulo Pontes”, ressaltou Nilson Raman, referindo-se ao teatro que homenageia o dramaturgo paraibano na Funesc. A própria viúva o inaugurou, em 1982, com a apresentação do espetáculo *Piaf*, num tributo à cantora francesa Edith Piaf (1915-1963).



Produtor cultural e amigo Nilson Raman em momento de agradecimento a Bibi Ferreira

## Emergencial

## #CulturaPBnaWeb: prazo para as inscrições do edital se encerra hoje

As inscrições dos artistas para o edital #CulturaPBnaWeb se encerram neste domingo. Elas podem ser feitas até as 23h59 de hoje. O procedimento de inscrição, incluindo o envio de documentos digitalizados, deverá ser efetuado exclusivamente pela internet.

O edital prevê investimentos da ordem de R\$ 180 mil. Os projetos selecionados vão receber um apoio de R\$ 1,2 mil cada.

O objetivo é proporcionar cultura, arte, entretenimento e atividades formativas para a população que se encontra em isolamento social e beneficiar artistas de diversas áreas afetados pela pandemia.

Somado com os recursos do projeto 'Meu Espaço', que se encerrou na semana passada, são mais de R\$ 800 mil investidos em ações de apoio aos artistas impossibilitados de se apresentar em espaços que promovem atividades culturais.



Foto: Reprodução

Junto com 'Meu Espaço', recursos somam mais de R\$ 800 mil investidos em ações de apoio aos artistas em várias áreas

No total, são oferecidas 150 vagas de propostas artísticas nas áreas de performance artística (60); curso, oficina e workshop (20); e-books e história em quadrinhos (20); podcast (20); exibição de curta-metragem (20); exposição, intervenção e galeria de arte virtual (10). As propostas culturais em formato digital serão divulgadas em plataformas e tecnologias disponíveis on-line.

“É mais uma ação através da qual o Governo da Paraíba demonstra que valoriza a cultura paraibana”. Foi o que declarou o secretário de Estado da Cultura (Secult-PB), Damião Ramos Cavalcanti.

A previsão do edital #CulturaPBnaWeb é de que a relação final das propostas credenciadas seja divulgada no dia 4 de julho. O projeto está previsto para começar em 14 de julho.



Através do QR Code acima, acesse a inscrição para o edital

## Estética e Existência

Klebber Maux Dias  
klebmaux@gmail.com | colaborador

## “A injustiça que se faz a um é uma ameaça que se faz a todos”

O despotismo é uma forma absoluta de governar através de um grupo antidemocrático com interesses econômicos para o próprio enriquecimento ilícito. A diferença do despotismo para a autocracia é que na autocracia tem-se um governante autoritário. Ainda nesse contexto perverso, de forma de governo, para tipificar o despotismo em relação a outros sistemas, na oligarquia o poder está entregue e centralizado para o enriquecimento de uma família. E, na ditadura, o cidadão é impedido de se expressar, e por medo não sabe o que fazer com a própria existência.

Os déspotas apresentam doenças psíquicas por cultuarem o ódio e de usarem a opressão para controlar e sufocar as necessidades do povo e destruírem as harmonias entre os estados, também marginalizam grupos sociais e impõem o terror entre os cidadãos. Geralmente os déspotas, para manterem-se no poder, conduzem-se para um golpe de Estado através das Forças Armadas, com a finalidade de aumentar uma violenta robustez coercitiva contra os cidadãos e os Estados. Geralmente, as forças armadas usa a coerção social através da ordem e a ordenação através da hierarquia, de forma a consolidar uma obediência dos cidadãos para com o despotismo, a fim de garantir a falsa segurança do país. O despotismo, por ser constituído de sujeitos patologizados, não sabe evitar o caos social e nem a guerra de todos contra todos. Os déspotas sempre buscam no autoritarismo uma forma de diminuir a racionalidade dos cidadãos e impor a banalidade do mal e destroem os ideais de liberdade e igualdade com o objetivo instaurar a miséria humana. No despotismo, o desequilíbrio social é algo natural da vida em sociedade. E para adaptar-se a falta de democracia e tentar obter sucesso pessoal, mesmo de forma egoísta, o cidadão perde o direito de pensar e sempre está submetido a uma obediência incondicional às medidas coercitivas dos déspotas. Essa estratégia torna o cidadão invisível e escravo dos interesses dos grupos financeiros comandados pelo despotismo.

O filósofo, político e escritor francês Charles-Louis de Sécondat (1689-



Foto: Divulgação

Filósofo, político e escritor francês Montesquieu

(1755), conhecido como Montesquieu, analisou o despotismo e afirmou que o grupo dos déspotas governa sem leis e sem regras e domina tudo sob a sua vontade. Contra o despotismo, Montesquieu, ao estudar a escravidão e a tortura, fundamentou os princípios da tolerância e liberdade como uma ação política de Estado e consolidar uma saudável convivência humana. Diante do despotismo, ele criou uma doutrina política ao separar o poder de Estado em três poderes: Executivo; Legislativo; Judiciário. Para fundamentar suas teses, Montesquieu publicou o livro *O Espírito das Leis* (1748). Nessa obra, ele afirma que “não existe uma forma de governo ideal que sirva para qualquer povo em qualquer época”. E apresentou a tese de que a organização de uma Teoria Sociológica do Governo e das Leis dependem das condições em que cada povo vive. Para resolver esse paradoxo da impossibilidade de um sistema político ideal, Montesquieu afirmou que um sistema político estável tem que considerar a estrutura do modelo econômico-social do país e de estudos geográficos e climáticos entre o ser humano e seu ambiente, e que essa relação influencia decisivamente na forma de governo. No ambiente político

do século 18 e 19, Montesquieu afirmou que uma monarquia se fundamentou na honra; o despotismo no medo; e a democracia na virtude.

As teorias de Montesquieu e os seus princípios de liberdade e igualdade influenciaram os ideais da Revolução Francesa de 1789, e, nos séculos 18 e 19, esses princípios contribuíram para mudar a monarquia pelo presidencialismo. Nos dias atuais, o pensamento de Montesquieu continua influenciando formas de governos e contribui para revoluções que mudam sistemas autoritários para democráticos, e também as criações das Leis e Constituições de vários países. A sua Doutrina dos Três Poderes, já mencionada, dividiu o poder do Estado em três poderes e são independentes entre si e se tornam censores uns dos outros.

O sistema de liberdade política de Montesquieu apresenta a necessidade da separação dos três poderes, e a necessidade da existência de um conjunto de Leis civis e criminais para garantir a segurança do cidadão. Em relação a separação dos três poderes, Montesquieu justifica essa divisão pela necessidade de um poder vir atuar e restringir tentativas de outros poderes de infringir a liberdade do cidadão, porque a injustiça que se faz a um, é uma ameaça que se faz a todos. Em relação a elaboração do conjunto de leis civis e criminais, é justificada para garantir a liberdade de pensamento e expressão e de excluir a escravidão e a violência contra qualquer cidadão. Esse conjunto de leis inclui: o direito a um julgamento honesto; a hipótese da inocência; e a ponderação no rigor das penas.

Diante do terror nos dias atuais, concluo com a frase de William Shakespeare (1564-1616): “Todo mundo é capaz de dominar uma dor, exceto quem a sente”.

Na extensão dessa coluna, sintase convidado para a audição do 272 Domingo Sinfônico, deste dia 21, das 22h até as 0h. Busque no Google radiotabajara.pb.gov.br ou sintonize na FM 105.5. Nesta edição, irei apresentar o virtuoso violinista e regente italiano Salvatore Accardo (1941).

Kubitschek  
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

## Onde andará Tornatore?

Os pombos e as pombas andam loucas, e ameaçam tomar conta da cidade. Dizem que a culpa é da pandemia. A sorte delas ou deles, é ninguém as querer comê-las. Bandos de águias dariam cabo aos pombos. Sou como os gatos que sobem nas varandas para contemplar suas presas. Ah, uma prenda minha! “Tenho de ir para o rodeio, prenda minha, no campo do bem querer”

Mesmo entre oito paredes, não deixo de contemplar as minhas presas. É o exercício que me oferece a ilusão de uma liberdade, que vem do cordão umbilical. Somos todos reclusos a cumprir pena por crimes injustamente condenados, mas nem por um segundo deixamos de espreitar cenas pelas janelas virtuais que nos conservam cumpridores de deveres e quereres. De noite, na cama, eu fico pensando....

Infelizmente, não temos a inteligência dos gatos. Nem o sono. Nem a beleza. Guerreamos sem garras, apenas com as palavras domésticas: panelas, frigideiras, garfos, cuscuz, inhame e ensopados. Era sol q faltava! “Oh, Arlindo Orlando, volte onde quer que você se encontre, volte para o seio de sua amada”.

As palavras dançam todas iguais por estes dias e tudo me parece repetido, monótono e aborrecido. Varro a varanda, apanho as folhas secas e escuto Cauby cantando ‘Cheek to cheek’ com Caetano. Boto o lixo pra fora e tiro os penicos debaixo da cama. Eu disse penico? Tá pinicando, Sr. K!

Sem a vida das ruas, é como se as palavras começassem a patinar nas BRs perdendo signos e significados. Filmes, séries e os números “covidianos” arribando Ibopes.

Domesticados como gatos gemendo em varandas de mil e uma noites e mais um dia, outro dia, mais um dia e amanhã vai ser outro dia. Cadê minha máscara de Louis Vuitton? Eu era menino e minha mãe me mascarava no Carnaval de Batman e exigia que eu fosse feliz. Sofria com as gargalhadas dos coringas.

Tento distrair-me nesta paranoia sanitária, que mete todos a cuidarem de todos, refugiando entre o frenesi dos livros, mas não consigo ler sequer a bula do cloroquina na página do necrológio em que o mundo se transformou.

Pego na guitarra de Vitor e improviso melodias ao som de trovoadas imitando o som do Pink Floyd e sonho caminhar no passeio público, no vazio das ruas de João Pessoa, vislumbrando em plena noite uma virgem com óculos escuros a caminhar em minha direção. Regresso para casa ao som de Peter Gast, com a preocupação antecipada de higienizar as mãos, mas não antes de ensaboar a mulata de Cartola.

Adorei rever *Cinema Paraíso*, do Giuseppe Tornatore. Juro. Adorei. Chorei. Quem se recorda da sequência final perceberá o vínculo, quem não lembra, não vou contar, quem não tiver visto poderá procurá-lo onde tudo está com a maior das facilidades, na Casa de Noca, dona internet. Só duas coisas não se encontram na Internet, aromas e texturas. E olhe lá. Onde andará meu grande amor, Giuseppe Tornatore?

## Kapetadas

1 - Mesmo na pandemia, nunca devolva tudo na mesma moeda. Temos sempre que deixar claro pro mundo que cada um dá aquilo que tem. (pra você que recebeu o auxílio do governo sem precisar, seu idiota);

2 - Nessa ou na próxima quarentena estou olhando mais para mim e me sentindo menos feio. Viva a máscara!

3 - Som na caixa: “Morena diga onde é que tu tava, onde é que tu tava, onde é que tava tu”.

Foto: Divulgação



Cena de 'Cinema Paradiso' (1990), do italiano Giuseppe Tornatore

## Cinema

**Alex Santos**

Cineasta e professor da UFPB | colaborador



Foto: Divulgação

Cineasta francês Claude Lelouch, em cuja filmografia há uma obstinação por temas românticos, e a atriz Anouk Aimée

## Melhores anos de Lelouch, Trintignant e Anouk Aimée

Os encantos de uma vida se eternizam. Mais ainda na magia do cinema, que nos tem reservado tantas e impressionantes surpresas, como as que vem sendo mostradas pelo discutido cineasta francês Claude Lelouch. Embora tenha andado de rabugices com a nouvelle vague, movimento chamado por ele de retrógrado, mas que repercutiu com bastante força na década de 1960, na França, Lelouch foi um cineasta autodidata disciplinado no que fez.

Se, como ele mesmo diz, o movimento de vanguarda francês é “arcaico”, em que se destacaram cineastas como Chabrol, Truffaut, ou mesmo Godard, ele jamais se afinou a essa causa, que, a rigor, fez escola entre os curiosos do métier cinematográfico do mundo todo; em mim, inclusive, que sempre tive no cinema europeu o meu mais respeitoso e estético aprendizado.

Aprisionado que estou em meu apartamento, amargando uma reclusão de semanas seguidas (até certo ponto justificável), entre um gole e outro do fino e bom rouge, recorro a um cinema de qualidade, sempre. E foi em mais uma noite dessas que

me deparei com *Les plus belles annes d'une Vie*, filme de Claude Lelouch, do ano passado e pouco exibido em salas de cinema.

O curioso do cinema de Lelouch, pelo que tenho visto, é a sua obstinação por temas românticos. Isso bem demonstrado mais uma vez por um casal de atores emblemáticos do cinema francês. E minha curiosidade se estende de mais ainda, quando vejo um filme que resgata suas raízes numa antiga estória de amor. Não de um mero casal, mas de uma parceria de atores desde os anos 1960: Jean-Louis Trintignant e Anouk Aimée. Desde então acalentados pela bela trilha sonora de Francis Lai, que fez sucesso no mundo inteiro, tanto quanto *Love Story*, composta também pelo mesmo autor.

Um Homem e uma Mulher (*Un homme et une femme*), produção de 1966 – vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes, além do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro e também de Melhor Roteiro – inicia uma trilogia que teria sequência com *Un homme et une femme: Vingt ans déjà* (1986). Sendo hoje completado por

*Os Melhores Anos de uma Vida (Les plus belles annes d'une Vie)*, exibido *hors compétition* (“fora de competição”), mas ovacionado durante o Festival de Cannes do ano passado. O filme entrou em cartaz nos cinemas da Europa em abril último, e só agora em maio no Brasil.

O longa retoma as relações entre a roteirista de cinema, Anne Gauthier (Anouk Aimée) e um piloto de corridas, Jean Duroc (Jean-Louis Trintignant), que se apaixonaram há 50 anos, são separados, mas ele jamais a esqueceu. Após esse tempo, Jean com ajuda do filho encontra a mulher dos seus sonhos, Anne, e a história dos dois, já idosos, toma o rumo de onde eles deixaram.

Certa vez indagado, Lelouch afirmou: “Meu cinema não é um lugar para filmes doces. Ele é uma aposta no risco, porque eu convido os homens e as mulheres a se amarem num mundo em que ninguém mais se arrisca a apostar no desejo”. *Trés bien, monsieur Lelouch!* – Mais “coisas de cinema”, acesse o blog: [www.alexantos.com.br](http://www.alexantos.com.br).



## APC: Vida e obra de seu Patrono

Academia Paraibana de Cinema - Cadeira 25, Patrono: Galba Mesquita (Ocupante: Marcus Ubiratan) - Galba de Moura Mesquita nasceu em Campina Grande (PB), em 1924. Ainda jovem, trabalhou durante vários anos como marinheiro, inclusive lutando na Segunda Guerra Mundial. Retornando à Paraíba, tornou-se funcionário dos Correios e Telégrafos. Fixou residência em João Pessoa nos anos 1950 e tornou-se programador da empresa Cinemas Reunidos Ltda. Exerceu a mesma função no Cine Municipal. Muito ligado ao empresário Luciano Wanderley, durante anos foi gerente do Restaurante Cassino da Lagoa. Morreu em 2001, em João Pessoa.

## Produções que cobijam o Oscar vão precisar cumprir critérios de diversidade

A organização que entrega os prêmios do Oscar disse que formará um grupo para desenvolver diretrizes de diversidade e incluirá que os cineastas terão que cumprir para seus trabalhos serem candidatos às estatuetas.

A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas dos Estados Unidos, que já foi criticada por homenagear poucos filmes e criadores negros, disse que esta medida e outras representam uma nova fase de um esforço de cinco anos para fomentar a diversidade.

O grupo informou em um comunicado que trabalhará com o Sindicato de Produtores da América para montar uma força-tarefa de líderes da indústria para desenvolver “padrões de representação e inclusão” para elegibilidade aos prêmios Oscar até 31 de julho que “incentivarão práticas de contratação igualitárias nas telas e fora delas”.

As regras não se aplicarão a filmes concorrendo ao Oscar na cerimônia de 2021.

As críticas à academia se intensificaram em 2015

com a hashtag #OscarsTãoBranco, um protesto contra um ano de concorrentes exclusivamente brancos nas categorias de atuação.

A entidade reagiu em parte dobrando o número de mulheres e negros em suas fileiras de convidados, mas até 2019 só 32% de seus cerca de 8 mil membros eram mulheres e só 16% eram pessoas negras. Novos membros serão anunciados no mês que vem.

“Sabemos que existe muito mais trabalho a ser feito para garantir oportu-

nidades iguais em todo o setor”, disse a executiva-chefe da Academia, Dawn Hudson. “A necessidade de tratar deste assunto é urgente.”

Hollywood vem acertando as contas com a falta de diversidade e a representação do racismo nas telas em meio aos protestos contra a morte de George Floyd. No início da semana passada, o serviço de streaming HBO Max disse que está tirando... *E o Vento Levou*, vencedor do Oscar, de sua programação temporariamente.

## Letra Lúdica

**Hildegardo Barbosa Filho**  
hildegardobarbosa@bol.com.br

## Livros sobre livros

Sempre gostei de livros. Principalmente de livros sobre livros. Tanto é assim que dedico um cuidado todo especial a uma estante de minha Biblioteca reservada só para os livros que falam dos livros. Ensaios, bibliografias, dicionários, enciclopédias, romances, memórias etc., tudo e todo gênero me atrai para a fecunda experiência que esse universo pode nos proporcionar.

Ao longo do tempo fui adquirindo e acumulando um acervo de títulos que, se por um lado frequento constantemente com o fervor de quem os lê com amor e dedicação, por outro também os arruma e os organiza com base em critérios bibliográficos que atendem a certas exigências da subjetividade e à volúpia inesgotável do colecionador. Sim, porque colecionar é outra mania que tenho e que cultivo com a obsessão dos que investem no solene sabor das coisas inúteis.

Sempre estou lendo ou relendo um que outro livro dessa estante *mui* amada. Uns me são ocasionais e quase sempre depois da primeira leitura, poucas vezes volto às suas páginas. Guardo deles uma informação qualquer de meu interesse, um título importante referido, uma ilustração bem feita ou um tópico curioso que me pode levar a louca procura de um ou de outros livros, desse ou de qualquer gênero.

Outros, no entanto, como que convivem comigo numa espécie de doméstica intimidade a que não falta certa dose de lirismo, erotismo e encantamento. Abrir esses livros, consultar suas referências, ler seus capítulos e verificar que eles formam um arquipélago de fronteiras plurais e abertas é como ter o mundo e a constelação de seus signos multifários dentro da própria casa. É viajar ao redor das mais longínquas e surpreendentes geografias sem sair do silêncio e do repouso da Biblioteca particular.

Meu amor pelos livros e, em especial, pelos livros que falam dos livros, me ensinou que os livros também constituem objetos de prazer, sobretudo quando detêm, nos interstícios de suas páginas, o misterioso e indescritível encontro entre a sabedoria e a beleza. Entre a informação e o conhecimento. Entre o pensamento e a emoção.

Por isto gostaria de compartilhar com você, caro leitor, mormente se você é daqueles que amam os livros como objetos essenciais e como um alimento indispensável à formação do ser humano, alguns livros, entre tantos, que me fizeram a cabeça e fertilizaram minha imaginação e sensibilidade, ampliando, creio, o horizonte de expectativas do leitor que sou.

E aqui, vou me ater sobretudo aos livros sobre livros, citando uma pequena lista que desejaria multiplicar-se entre os mais diversos leitores, numa espécie de transubstanciação de palavras e ideias que podem cimentar as afinidades eletivas entre os que leem e os que escrevem. Cimentar, quem sabe, os alicerces de um mundo melhor, um mundo também feito de livros.

Citarei apenas os títulos e seus autores, pela ordem de publicação, com suas respectivas datas:

- Eduardo Frieiro: *Os livros, nossos amigos* (1941);
- Herbert Caro: *Balcão de Livraria* (1960);
- Henry Miller: *Os livros de minha vida* (1969);
- Américo de Oliveira Costa: *A biblioteca e seus habitantes* (1970);
- José Mindlin: *Uma vida entre livros: Reencontro com o tempo* (1997);
- José Rafael de Menezes: *Amizades bibliográficas* (1999);
- George Steiner: *Aqueles que queimam livros* (2003);
- Miguel Sanches Neto: *Herdando uma Biblioteca* (2004);
- Alberto Manguel: *Os livros e os dias: Um ano de leituras prazerosas* (2004);
- Pierre Bayard: *Como falar dos livros que não lemos* (2007);
- Jacques Bonnet: *Fantasma na biblioteca: A arte de viver entre livros* (2008);
- Heloísa Seixas: *Uma ilha chamada livro* (2009);
- Allison Hoover Barlett: *O homem que amava muito os livros* (2009);
- Sidney Wanderley: *Notas sobre leituras* (2018).

Colunista colaborador

CAVALCANTI DE LIMA SERVIÇOS NOTARIAL E REGISTRAL  
1ª Serventia Extrajudicial  
Rua 24 de Novembro, nº 36 - Centro - CEP 58.187-900 - PICUI - PARAIBA  
Telefone: (83) 3371 2120 - e-mail: [cartorio1oficiopicui@bol.com.br](mailto:cartorio1oficiopicui@bol.com.br)

### EDITAL

Faz saber a todos quantos o presente edital virem ou dele conhecimento tiverem, que por este Cartório de Registro Imobiliário tramita o pedido de retificação de área requerido por FRANCIELE CASTRO COSTA, portadora da Cédula de Identidade-RG nº 3.929.196 SSS/PB, inscrito no CPF/MF nº 108.385.514-08 e JOSENILSON AMARO DANTAS, portador da Cédula de Identidade-RG nº 1.839.234 SSP/PB, inscrito no CPF/MF nº 000.820.844-16, onde no qual solicitam o registro da retificação de área/georreferenciamento da propriedade rural denominada Sítio do Mendes, localizada no município de Baraúna-PB, medindo uma área de quarenta (40) hectares, registrada no CRI de Picuí-PB na matrícula 7.760, que após o levantamento topográfico apurou-se uma área de 42,2637 hectares, e como o senhor AMAURY DE FARIAS SOARES é confrontante do referido imóvel, o presente edital tem por finalidade NOTIFICA-LO dos termos do referido pedido de retificação de área/georreferenciamento, juntamente com a documentação acostada neste cartório, para no prazo de quinze (15) dias se manifestar por escrito aos termos do pedido dos requerentes, contados da última publicação deste edital em jornal de grande circulação, que será publicado por duas vezes nos termos do artigo 213, § 3º da lei 6.015/73 e art. 941 do Código de Normas Extrajudicial da Corregedoria Geral de Justiça da Paraíba. Dado e passado nesta cidade de Picuí, Estado da Paraíba, aos 15 de junho de 2020.

Manilde de Macedo Lima  
Escrevente Encarregada



Foto: Arquivo/CBF



Pelé é carregado no Estádio Azteca após a conquista do tricampeonato da Seleção Brasileira que derrotou a Itália na final por 4 a 1

# Paraíba em festa com o Tri da SELEÇÃO BRASILEIRA

## Comemoração na Lagoa do Parque Solon de Lucena e histórias que marcaram a conquista em meio à ditadura

Iago Sarinho  
iagosarinho@gmail.com

Há exatos 50 anos, o Brasil conquistava o tricampeonato mundial de futebol tendo, dentro de campo, um time mágico e conhecido, até hoje, como a maior seleção de todos os tempos. O êxito na Copa do Mundo do México, em 1970, no entanto, não teve um caminho fácil para culminar na festa que transformou o São João em um verdadeiro carnaval em João Pessoa, por toda Paraíba e pelo Brasil. Com interferências da ditadura militar, os bastidores que antecederam a conquista foram conturbados e fortaleceram dúvidas e questionamentos sobre a qualidade da equipe que se classificou para o torneio no último jogo das eliminatórias, em um Maracanã abarrotado e com o registro do maior público da história de um jogo de futebol - 183.341 mil pagantes no dia 31 de agosto de 1969.

Eudes Toscano está entre as testemunhas dessa trajetória que vai da luta pela classificação ao mundial do México, até a festa após do título que, em João Pessoa, mobilizou a cidade na Lagoa do Parque Solon

Foto: Divulgação



Eudes Moacir Toscano, da Tabajara, viveu intensamente a trajetória da Seleção Brasileira pelas ondas do rádio

de Lucena em uma edição extraordinária da tradicional "Curso de Carnaval" nas vésperas do São João. O comentarista esportivo da Rádio Tabajara esteve em cinco, dos seis jogos disputados pela Seleção Brasileira no mês de agosto de 1969, na campanha que garantiu a vaga para a Copa, em um histórico confronto contra o Paraguai, vencido pelo Brasil por 1 a 0 com gol de Pelé diante da maior lotação que o Maracanã e o futebol já viram, com direito a transmissão ao vivo da emissora paraibana para o Estado.

"Se contar autoridades, convidados e penetras, havia quase 200 mil pessoas naquele dia no Maracanã. Um público que jamais alguém verá em nenhum palco do mundo. O jogo era muito importante e difícil, pois o Paraguai era um time chato que batia bastante e fez do confronto uma partida nervosa. Eis que, aos 23 minutos do segundo tempo, o goleiro Félix repõe a bola em jogo para Piazza, que solta na lateral esquerda para Rildo e aprofunda para Edu. O ponteiro ultrapassa dois jogadores paraguaios e vai até a linha de fundo cruzando na direção de Tostão. Como um raio, Pelé se antecipou ao camisa 9 e como uma bólide - meteorito de dimensões apreciáveis -, fez o estádio Mário Filho explodir em um grito de gol. Lembro bem que, na descrição do lance, eu disse: este gol pode classificar o Brasil para a conquista da Copa do México. Assim foi", lembrou o comentarista paraibano.

Ao longo das eliminatórias acompanhadas por Eudes Toscano e pelos paraibanos, através da Rádio Tabajara - assim como ocorreu direto do solo mexicano durante o mundial -, até sete dias antes da ida da equipe brasileira para a Copa, o técnico era João Alves Jobim Saldanha. Um dos comentaristas esportivos mais influentes ao longo da década de 1960, "João sem medo", - apelido conferido por Nelson Rodrigues - assumiu a seleção em fevereiro de 1969 em sua segunda experiência como técnico, antes ha-

via treinado e sido campeão carioca com o Botafogo-RJ em 1957.

Membro do Partido Comunista, João Saldanha era um crítico declarado da ditadura militar e virou alvo de Emílio Garrastazu Médici, terceiro presidente do regime e responsável direto por pressionar a Confederação Brasileira de Desportos - CBD, hoje a CBF - pela saída do treinador do comando técnico. O estopim foi uma declaração do presidente militar exigindo a convocação de Dadá Maravilha, ação negada pelo treinador com uma célebre frase: "Faço um acordo com o presidente, eu não opino sobre quem ele escala para o ministério e ele não opina sobre quem convoco para a seleção".

O acordo sugerido por Saldanha não foi aceito e a negativa ao desejo do regime autocrático gerou uma intervenção direta ao então presidente da CBD, João Havelange que demitiu Saldanha e pôs em seu lugar o bicampeão como jogador em 1958 e 1962, Mário Jorge Lobo Zagallo. Anos depois, essa versão foi confirmada pelo próprio Dadá Maravilha em material com link disponível nesta matéria. Na lista final para o mundial, Dadá foi incluído, mas ele não entrou para o time titular que ficou marcado na história ao vencer o tricampeonato em um domingo como o de hoje, cinco décadas atrás.

Na copa que introduziu o uso dos cartões vermelho e amarelo no futebol, Saldanha foi retirado de campo pela ditadura, mas não deixou de denunciar o regime ao mundo, pois foi ao México como comentarista e lá apresentou para a imprensa internacional um vasto conteúdo, denunciando assassinatos e a perseguição política feita pelo regime. Esse episódio, assim como a sua saída da Seleção Brasileira foram comentadas pelo próprio João Saldanha em entrevista ao programa "Roda Viva" em 1987 - parte desta entrevista foi disponibilizada no

"Rádio Faz História" da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC) e você pode conferir em link, também disponível, nesta matéria.

Mesmo tendo cedido inicialmente à exigência de Médici, Zagallo deu seguimento em parte do trabalho e conseguiu montar a equipe que ficou conhecida por reunir os "cinco camisas 10" do Brasil: Jairzinho, Gérson, Rivelino, Tostão e Pelé. A recordação do time que conquistou a Taça Jules Rimet em definitivo para o Brasil após aquele dia 21 de junho em 1970 - 13 anos depois a taça foi roubada no dia 19 de dezembro de 1983, ainda está na cabeça de Eudes Toscano e daqueles que puderam vivenciar aquela festa, imortalizada em canções como "O Rei Pelé" do paraibano Jackson do Pandeiro - em exaltação ao craque que eternizou jogadas e gols únicos nessa edição do mundial.

"Um dia de muita alegria, após uma campanha inesquecível daquele que é, sem sobra de dúvidas, um dos maiores times de todos os tempos. A Copa que eternizou Pelé para sempre e que fez de João Pessoa e do Brasil uma festa só em comemoração ao tricampeonato mundial. Me recordo muito bem daquela campanha que acompanhamos desde as eliminatórias e pudemos levar as emoções para o povo paraibano junto com os saudosos Ivan Tomaz e Fernando Heleno, além de João de Souza que estiveram no México cobrindo a Copa para a Rádio Tabajara", lembrou.

Tomados pelo torpor da conquista, o povo, na Paraíba e no Brasil, pôde desfrutar da alegria sublime, uma dessas coisas que o futebol, como poucos fenômenos, é capaz de proporcionar. Uma fuga naquele período de violações aos direitos civis e repressão, assim como uma memória de glória futebolística eternizada, geração após geração. Um feito de 50 anos atrás, de um tempo de craques, do maior de todos eles, mas que segue, até hoje, igualmente presente no imaginário coletivo nacional.

### CURIOSIDADES



Aposte a câmera de seu celular no QR Code e conheça a música que Jackson do Pandeiro fez para Pelé



Através do QR Code acima, conheça a história de João Saldanha que foi demitido às vésperas da Copa



Através do QR Code acima, entenda como aconteceu a convocação do atacante Dadá Maravilha



# Guajiru precisa de ajuda para preservar tartarugas

## ONG enfrenta dificuldades financeiras diante da pandemia e do consequente isolamento social



**Alexandra Tavares**  
lekajp@hotmail.com

No início dos anos 2000, a sensibilidade de Valdir Lima, um comerciante da orla paraibana em querer proteger as tartarugas marinhas que desovavam na Praia de Intermares, chamou a atenção de dois biólogos: Rita Mascarenhas e Douglas Zeppelini. Os profissionais da área ambiental sentiram a necessidade de formalizar esse cuidado e, assim, nasceu a Organização Não Governamental (ONG) Guajiru, que há 18 anos tem como objetivo central desenvolver o projeto tartarugas urbanas. Mas nessa época de pandemia, devido

à covid-19, esse trabalho passa por dificuldades financeiras.

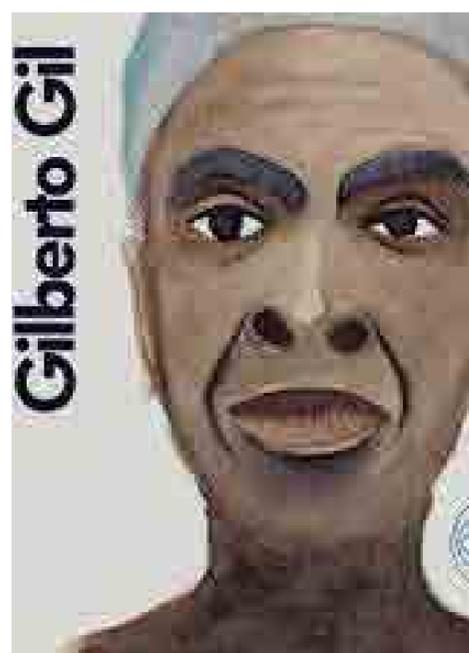
A bióloga Danielle Siqueira Barrêto de Oliveira, que faz parte do atual Conselho Diretor da ONG, explica que a equipe da Guajiru é formada por voluntários, mas há a necessidade de se manter a sede da organização e os equipamentos utilizados para cuidar das tartarugas marinhas. Esse custeio ocorre com a venda de lembrancinhas aos usuários da orla paraibana. “Porém, devido à pandemia e ao isolamento social, as vendas não estão acontecendo. Todo o dinheiro para manter o aluguel da sede e os materiais têm vindo de doações. Chegamos, inclusive, a abrir uma vakinha online”, contou a bióloga.

Quem deseja ajudar, basta telefonar para o número SOS da ONG, que é o (83) 99608-5226 (também é WhatsApp). O link da “vakinha online” está disponível nas redes sociais (Facebook e Instagram): tartarugas\_urbanas. Nesse espaço, as pessoas vão saber qual o número da conta bancária para fazer a doação. O projeto tartarugas urbanas é voltado à conservação das tartarugas marinhas do Litoral da Paraíba, com foco especial na proteção desses animais no momento da desova, bem como promover a educação ambiental e a produção científica.

Continua na página 14

## Essas coisas

**Carlos Aranha**  
c.aranha@yahoo.com | colaborador



**“O importante hoje é o dia transcorrer para tudo e para todos ao meu redor e dormir um sono para mim. Hoje, eu silêncio com mais quietude para ouvir o barulho do mundo, para compreendê-lo. Passo a vida tentando me livrar do mal”.**

## A produção da boa morte segundo Gil

**G**ilberto Gil - um dos poucos artistas brasileiros a levar com leveza e sinceridade as coisas holísticas - é essencialmente um filósofo. Antes que receba a primeira pedra atirada por algum desses auto-iluminados acadêmicos que transitam em corredores universitários, observo que filosofia, neste tumultuado século 21, não é mais uma coisa do domínio absoluto de quem carrega “o diploma de filósofo”, de quem escreve e publica obras e obras na área.

Millôr Fernandes foi um dos maiores filósofos do País. Contestar? Como? Filosofia hoje é a soma da simplicidade do(s) sere(s) justamente quando respeita-se o tal do holismo como tendência, que se supõe seja própria do Universo, a sintetizar unidades em totalidades organizadas.

Uma questão holística: filosoficamente cantando, escrevendo e falando, Gilberto Gil continua como o que há - na música - de único e permanente na filosofia, não obstante as divergências e até contradições entre os sistemas. É a filosofia perene.

Pode-se até voltar a Aristóteles

para compreender que o autor de “Parabolicamará” e “Não tenho medo da morte” caminha pelo oceano de que as tais “fotografias” das coisas ditas divinas são primeiras, imutáveis e separadas, enquanto são eternas, mutantes e homogêneas.

Um trecho significativo de uma entrevista de Gilberto Gil:

“O importante hoje é o dia transcorrer para tudo e para todos ao meu redor e dormir um sono para mim. Hoje, eu silêncio com mais quietude para ouvir o barulho do mundo, para compreendê-lo. Talvez minha última grande obrigação, em que ainda sou tentado a comprometer o ego, é a produção da boa morte. Passo a vida tentando me livrar do mal. Como eu disse numa música, ‘se a morte faz parte da vida / se vale a pena viver / então, morrer vale a pena’. Esse é o haikai que definiria meu perfil existencial hoje”.

As “questões” levantadas por Gil na travessia vida-morte (e, por que não, morte-vida, e, por que não, morte-morte ou vida-vida?) explodem bem nestas suas palavras de simplicidade filosófi-

ca: “Se eu estou cada vez mais envolvido no processamento da minha morte, em viver bem para morrer melhor, então eu vejo a morte do meu filho”.

(Lembro do filho de Gil, o baterista Pedrinho, procientemente morto num acidente de automóvel, e do meu pai, Sebastião, que suicidou-se inexplicavelmente, mas sem que esse suicídio entre no processo da minha morte e, consequentemente, da minha vida, como hoje raciocino).

Voltando a Gil: “Claro que há muita dor, como há no dentista que eu fui na semana passada. É a mesma coisa, só que uma é física e outra é moral, e eu sou mais corajoso para a dor moral. Um corte na mão por uma lâmina de barbear me assusta mais do que uma humilhação”.

As pessoas mais infelizes são aquelas que só compreendem o infinito e a eternidade para a frente; não aceitam infinito e eternidade para trás. Isso traz infelicidade constante, quando as infelicidades devem ser circunstanciais para melhorar o nosso largo e comum aprendizado cósmico.

Basta sentir o quanto é curto o tempo adotamos que nos dividem em fusos horários enquanto a Terra gira em torno do Sol.

# Voluntários da comunidade são treinados para trabalho

Interessados em participar das atividades se inscrevem e passam por processo de treinamento teórico e prático

**Alexandra Tavares**  
lekajp@hotmail.com

Mesmo neste momento de pandemia, os voluntários estão nas praias tentando proteger as tartarugas de qualquer ameaça. A atividade da ONG está autorizada, mesmo assim, a equipe não se sente totalmente segura para atuar. “Embora a ONG tenha autorização para continuar realizando seu trabalho, temos que lidar com algumas pessoas que desrespeitam as normas do isolamento social e acabam pondo em risco a saúde de alguns voluntários”, desabafou Danielle.

A equipe da ONG Guajiru é formada por voluntários da comunidade. Todo início de temporada, geralmente em outubro, as pessoas se inscrevem para participar do projeto. O período e forma de inscrição são divulgados nas redes sociais do tartarugas urbanas. Cada participante cumpre um treinamento teórico e prático sobre as técnicas de manejo de tartarugas marinhas, e os novatos são supervisionados pelos voluntários mais experientes para poderem realizar suas atribuições. Nesse período de pandemia, no entanto, ainda não há definição sobre as inscrições deste ano.

## Moradoras dos oceanos

As tartarugas marinhas são seres aquáticos, migratórios, de grande relevância para o meio ambiente. De acordo com a bióloga Danielle Siqueira Barrêto de Oliveira, elas são uma “espécie chave” para o ecossistema marinho e ajudam a controlar a população de algas, águas-vivas, esponjas e pequenos crustáceos, que são fontes de alimentos para estes animais. As tartarugas podem viver mais de 100 anos e também fazem parte da cadeia alimentar de animais maiores como tubarões.

Na época da reprodução, as fêmeas retornam às praias onde nasceram para porem seus ovos. Cada tartaruga coloca em média 130 ovos e de cada

mil nascidas, apenas uma ou duas chegam à idade reprodutiva por causa da ação dos predadores naturais e também do homem. A maioria das tartarugas que desova no Litoral paraibano é do tipo pente (*Eretmochelys imbricata*), espécie classificada pela União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN) como criticamente ameaçada de extinção.

Segundo a bióloga Danielle Siqueira, que faz parte da ONG Guajiru, o lixo jogado nas praias, a curiosidade das pessoas em se aproximarem das tartarugas no momento da desova, as redes de pesca colocadas em áreas proibidas são alguns problemas que ameaçam a vida dessa espécie de réptil.

“O lixo jogado nas praias é extremamente prejudicial, já que as tartarugas confundem com seu alimento e acabam ingerindo. Alguns tipos de objetos podem perfurar o intestino do animal, ou mesmo acabam não sendo digeridos, levando ao acúmulo de gases e a formação de úlceras. Em último caso há o rompimento da parede do intestino, gerando hemorragia interna”, explicou.

Segundo a bióloga, os filhotes nascem geralmente à noite e se orientam pelo brilho da espuma do mar para chegar ao oceano. Mas com a iluminação artificial das praias urbanas, eles acabam se desorientando e seguindo em direção oposta ao mar. Muitas chegam a morrer atropeladas. “Por isso atuamos de forma tão intensiva nas praias, garantindo que os filhotes sigam na direção correta”, frisou Danielle.

**A maioria das tartarugas que desova no litoral paraibano é do tipo pente, espécie criticamente ameaçada de extinção**



Foto: Divulgação

Voluntários da ONG Guajiru acompanham corrida ao mar dos filhotes de tartaruga. De cada mil nascidas, apenas uma ou duas chegam à idade adulta

## DICAS DE COMO PRESERVAR AS TARTARUGAS MARINHAS:

■ Ao perceber que uma tartaruga está desovando, afaste-se, não filme, nem fotografe. A presença de pessoas estressa o animal, que não realiza a desova de forma correta.

■ Na Grande João Pessoa, as tartarugas costumam desovar na Praia de Intermares. Por isso, os pescadores não devem colocar as redes em áreas proibidas, onde as tartarugas costumam circular. Muitas vezes, as tartarugas ficam enroscadas nas redes e morrem.

■ Não ande com veículo na faixa de areia da praia. Essa prática prejudica todos, inclusive, as tartarugas.

■ Faça o descarte correto do lixo na praia. Um simples canudinho plástico, por mais inofensivo que pareça, pode matar uma tartaruga. Colete todo seu lixo quando for à praia. Esse é um cuidado básico de preservação ambiental e boa educação.

## SAIBA MAIS

■ As tartarugas marinhas costumam se reproduzir por volta dos 20 ou 30 anos de idade. A tartaruga-de-pente, mais comum no Litoral paraibano, apresenta carapaça na cor marrom e amarela e suas placas são dispostas imbricadas, como telhas. Sua dieta é composta por esponjas, anêmonas, lulas e camarões. Essa espécie pode chegar até 1,10 m e 86 kg.

## Toca do Leão

**Fábio Mozart**  
colaborador

# Guerra do livro contra a estupidez

Você sabe que numa guerra, há várias frentes de batalha. É preciso ter uma tática para cada uma delas. Na guerra contra a estupidez humana, você tem a música, a leitura e o bom cinema. Há forte declínio de leitura de bons livros por parte da juventude, em razão também do uso elevado do leque de mídias eletrônicas pela moçada. Hoje, garoto de nove anos não larga seu tablet, o que se deduz que em meio século o livro desaparecerá como modalidade de lazer. Lutando contra a desleitura, venho tentando promover encontros de estudantes com os livros em nosso projeto “Biblioteca viva”, da Academia de Cordel do Vale do Paraíba.

Outro dia, eu acompanhando um familiar no consultório psiquiátrico, uma paciente perguntou de onde sou. “De Itabaiana”, respondi sem muito interesse em conversar. “Meus pais são de lá”, disse a moça. Surpreso, descobri que ela é neta

do ex-prefeito de Itabaiana, Hugo Saraiva, cujo mandato foi cortado pelos militares em 1964. No meu livro “A Voz de Itabaiana e outras vozes” falo da bravura desse itabaianense que não está mais neste mundo, um dos poucos prefeitos que resistiram ao golpe militar. Meu pai foi seu secretário e redator da nota de repúdio contra o golpe.

A moça gostou de saber que seu avô era reconhecido em sua terra pela fortaleza moral, inteireza cidadã e retidão cívica. Pediu um livro que levei depois. Ela leu e fez elogios sinceros. Desculpem se pareço

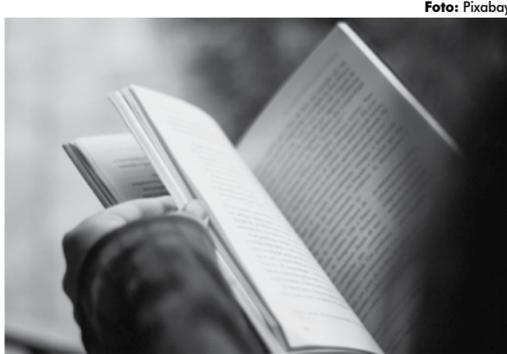


Foto: Pixabay

pedante, mas coisas assim mexem com o lado sentimental de um velho memorialista. Pediu para autografar um exemplar. Mandar para Mato Grosso, onde vive a família do avô.

Possivelmente o velho Hugo iria se emocionar ao ler as crônicas que contam suas peripécias na política de Itabaiana. Comoveram até às lágrimas a sua neta. Pois é, minha cidade não merece os governantes insensíveis que tem. Nossa História virou uma sucessão de estupidez desde quando homens do quilate de Hugo Saraiva, Josué Dias, João Quirino Neto e Arnaud Costa

abandonaram o barco da política local.

Fico pensando no milagre do livro. Daqui a cem anos, alguém vai ler meu livro e conhecer a história desse Hugo Saraiva. As coisas andam mudando de rumo aqui, temos enfrentado ventos de frente, ventos ressentidos, até falta coragem de ajustar as velas e tocar o barco, como um velho almirante que perdeu o tesão pelo mar. Entretanto, encontrar uma leitora assim tão íntima do meu mundo me deixou orgulhoso e menos contrariado com a vida.

Somos mesquinhos e o que nos move é a necessidade de sermos reconhecidos, seja lá como for. Para mim, valeu a pena escrever o livrinho que emocionou alguém. Sim, ia esquecendo: a médica entrou no papo, pediu um livro, encantou-se com nossas histórias de conterrâneos. Sabe como é: médicos psiquiatras são como decoradores que adoram uma beleza interior.

# Senadores do Brasil Império duvidaram da febre amarela

## Doença chegou ao Brasil na metade do século XIX e políticos procuraram minimizar a gravidade da epidemia

Fotos: Biblioteca Nacional Digital

**Ricardo Westin**  
Da Agência Senado

Na virada de 1849 para 1850, a tranquilidade que o Brasil vivia sob o reinado de dom Pedro II foi abalada pela chegada de um vírus devastador. Velho conhecido no exterior, mas novidade no país, o vírus da febre amarela pegou o governo imperial de surpresa e avançou sem piedade sobre as grandes cidades do litoral, deixando um rastro de pânico e morte.

Documentos históricos guardados no Arquivo do Senado, em Brasília, mostram que, apesar da destruição que a doença produzia a olhos vistos no Império, houve políticos que negaram a realidade e procuraram minimizar a gravidade da epidemia.

Num discurso em abril de 1850, no Palácio Conde dos Arcos, a sede do Senado, no Rio de Janeiro, o senador e ex-ministro Bernardo Pereira de Vasconcellos (MG) garantiu que a doença não era assim tão perigosa e chegou a pôr em dúvida se seria mesmo a temida febre amarela:

“Eu estou convencido de que se tem apoderado da população do Rio de Janeiro um terror demasiado e que a epidemia não é tão danosa como se têm persuadido muitos. Talvez fosse mais conveniente que o governo não tivesse criado lazaretos [hospitais de isolamento] e feito tanto escarcéu”. Apenas duas semanas após fazer esse discurso, o senador Vasconcellos morreu - justamente de febre amarela.

Ele não foi a única vítima da doença no Palácio Conde dos Arcos. No espaço de dois meses, o Senado perdeu

quatro parlamentares. Além de Vasconcellos, foram levados pela febre amarela os senadores Visconde de Macaé (BA), Manoel Antônio Galvão (BA) e José Thomaz Nabuco de Araújo (ES), avô do abolicionista Joaquim Nabuco.

Mesmo com essas mortes, os negacionistas do Senado não se renderam facilmente à realidade. “Eu tenho algumas 22 pessoas na minha casa e não tive uma única delas doente”, afirmou o senador Costa Ferreira (MA), referindo-se aos familiares e escravos.

“Infelizmente eu, na epidemia reinante, tive de ordenar dois enterros. Gostaria de me esquecer de todas as penas que então sofri”, reagiu o senador Visconde de Abrantes (CE), ofendido pelo comentário do colega.

O senador Limpo de Abreu (MG) disse que aquela doença provavelmente não era a febre amarela porque a mortalidade no Brasil, a seu ver, estava pequena demais em comparação com a que se via no exterior:

“Em Múrcia [Espanha], onde se declarou [epidemia] em 1804, de 134 pessoas que foram atacadas no princípio da invasão, apenas escaparam três ou quatro, sendo a mortalidade de 100% ou mais [sic]. Em Barcelona, em 1821, de 20 pessoas afetadas, escapava apenas uma. Em Gibraltar, em 1828, a mortalidade andou na mesma proporção. Aqui tenho estatísticas do Rio de Janeiro. Na enfermaria da Rua da Misericórdia, a mortalidade é de 18%. No lazareto estabelecido na Gamboa, pouco excede de 5%. A moléstia não é tão grave como se tem assoalhado [divulgado]. Não se justificam o terror e o pânico da população. Se a epidemia

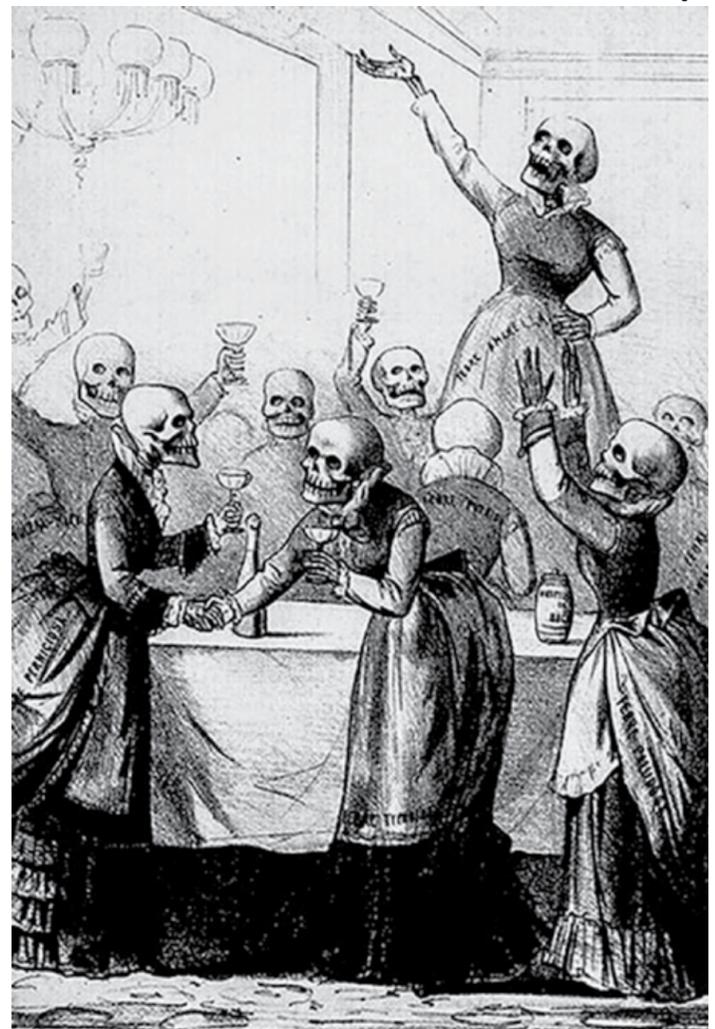
que se desenvolve em nosso país é em verdade o que se chama febre amarela, então o Senado há de permitir que eu diga que todos devemos dar graças a Deus por ter mandado, na sua cólera contra os nossos pecados, um castigo tão benigno”.

Os números consolidados mostram que, ao contrário, a febre amarela não teve nada de benigna quando chegou ao Brasil. Apenas no Rio de Janeiro, capital de 200 mil habitantes, perto de 4 mil pessoas morreram em poucos meses na epidemia de 1849-1850. Transportando essa proporção para a atualidade, quando a cidade se aproxima dos 7 milhões de habitantes, é como se a doença hoje tirasse a vida de 130 mil cariocas.

Foi por causa dessa epidemia que o Brasil mudou um antigo costume. Em 1850, uma lei proibiu as sepulturas dentro e ao redor das igrejas e exigiu que os novos cemitérios fossem abertos longe do centro das cidades. A preocupação era evitar a infecção dos fiéis e dos vizinhos das igrejas.

Até então, excetuando-se alguma aparição episódica nos tempos da Colônia, o Brasil era um país livre da febre amarela. O vírus chegou primeiro a Salvador, em setembro de 1849, a bordo de um navio de bandeira americana que fizera escala em ilhas infectadas do Caribe.

A partir de Salvador, a doença se espalhou pela costa brasileira. Na capital do Império, os primeiros registros se deram em dezembro. Com variável intensidade, a febre amarela provocaria mortes no Brasil praticamente a cada verão pelos 60 anos seguinte.



Charge da revista A Vida Fluminense, de 1874, ilustra a devastação provocada pela febre amarela

## Elitismo e acusações de “socialismo”

Os negacionistas, apesar de barulhentos, não conseguiram prevalecer. Desde a primeira epidemia, o governo entendeu a gravidade da situação e ofereceu às populações atingidas os chamados socorros públicos, isto é, hospitais de isolamento, enfermarias, médicos, remédios e alimentos. O Senado e a Câmara sempre aprovaram a liberação das verbas necessárias. Em abril de 1850, por exemplo, o montante aprovado somou 100 contos de réis.

O próprio dom Pedro II manifestava publicamente preocupação com as epidemias. O imperador visitou hospitais de isolamento, levando consolo aos doentes, e mencionou a febre amarela em diversas falas do trono, os discursos que ele proferia todo ano ao abrir e encerrar os trabalhos do Senado e da Câmara.

“Os estragos da enfermidade afligem profundamente meu coração. O meu governo tem empregado todos os meios ao seu alcance para acudir os enfermos necessitados”, discursou dom Pedro II em maio de 1850. “Graças a Deus, vai diminuindo o mal. Espero de sua divina misericórdia que, ouvindo nossas preces, arrede para sempre do Brasil semelhante flagelo”.

Assim como a febre amarela, foram com frequência citadas nas falas do trono a cólera e a varíola. As três moléstias representaram o grande gargalo sanitário do Império. Todo fim de ano, dom Pedro II e a elite imperial se mudavam provisoriamente do Rio de Janeiro para Petrópolis, que se transformava numa espécie de capital de verão. No clima fresco da serra fluminense, ficavam a salvo das epidemias que brotavam na quentura úmida da Baía de Guanabara.

No século 19, não existia no Brasil uma rede pública de saúde. As pessoas com posses se tratavam em casa, com médicos particulares. Os pobres, por sua vez, recorriam a instituições de caridade, como as santas casas de misericórdia. Assim que uma das tantas epidemias de febre amarela se instalava no Rio de Janeiro, o governo destinava recursos financeiros extras à San-

ta Casa, que corria para abrir enfermarias temporárias pela capital, semelhantes aos atuais hospitais de campanha.

Houve senadores incomodados com a estratégia. Um deles foi Leitão da Cunha (AM), que se queixou da instalação de uma enfermaria para os desvalidos em Laranjeiras, bairro nobre do Rio de Janeiro.

“Há bairros inteiros da cidade onde não se tem manifestado um único caso da epidemia reinante. Entre eles, o das Laranjeiras. Pois foi montada uma enfermaria à Rua das Laranjeiras. Deslocar as providências dos bairros afetados da epidemia para ir, por assim dizer, enxertá-las onde ela não existe é realmente uma ideia que é extravagante e não tem justificação. Ninguém creia que em mim atua medo, receio ou falta de humanidade para com os infelizes afetados pela doença. Estou convencido, como todos estarão, de que é mais conveniente que sejam tratados nos lugares em que adquirirem a moléstia”.

O senador Visconde de Olinda (PE) discordou quando o colega Costa Ferreira (MA) argumentou que os pobres infectados precisavam, sim, ser tratados com dinheiro público. “Como particular, concorrerei para que se façam dessas obras de caridade”, disse o Visconde de Olinda. “Mas, como homem público, rejeito essa doutrina do nobre senador, que aproxima-se um pouco do socialismo. É um dos pontos do socialismo sustentar os pobres, e o nobre senador, sem querer, vai cair nesse erro”.

“A discussão foi tão longe que até se me deu a patente de socialista. Não me falta mais nada. Já posso morrer. No fim da minha vida, sou socialista e sem eu o saber”, respondeu, gargalhando, Costa Ferreira. “É por quê? Porque advogo a causa dos pobres moribundos. Se eu advogasse a causa de vadios, se pedisse socorro para homens sãos, então, sim, poderia ser tachado de socialista. Mas advogar a causa de desgraçados que se acham no leito da morte e expostos a morrer por falta de meios de tratamento será tudo quanto se quiser, menos socialismo”.

## Críticas à atuação dos médicos

Nesse momento de emergência sanitária, o governo do Império montou as primeiras repartições do Brasil dedicadas a cuidar da saúde pública de uma forma mais abrangente. A pioneira, em 1850, foi a Junta de Higiene Pública, subordinada ao Ministério do Império (equivalente hoje ao Ministério da Justiça).

Na avaliação do senador Holanda Cavalcanti (PE), o comando da Junta de Higiene Pública e o combate às epidemias deveriam ser retirados das mãos dos médicos.

“Higiene pública, empregados de visitas de saúde dos portos, lazaretos, instituto vacínico... Senhores, em tudo está o médico. Não havia antigamente essa necessidade. Parece-me que há muito desperdício de dinheiro com tantos médicos acumulando empregos e fazendo fortuna. O interesse dos médicos é que haja doentes, e não que fiquem bons. Riem-se os nobres senadores? Os médicos vivem das moléstias, não da saúde. O objeto é mais sério do que se supõe. Senhores, as sociedades filantrópicas são as verdadeiras para esses fins”.

Oferecendo socorros públicos, o

governo aliviava o sofrimento de doentes e até evitava que parte deles morresse. No entanto, não conseguia impedir a repetição das epidemias de febre amarela ano após ano. As medidas de prevenção eram muito pouco eficazes. Não por incompetência, mas sim pelas limitações científicas da época. Não se sabia qual era o agente causador da doença nem como as pessoas se infectavam.

Muito anos depois, no fim do século 19, se descobriria que a febre amarela era transmitida pelo mosquito posteriormente batizado de *Aedes aegypti* (o mesmo que espalha a dengue). E ainda mais tarde se saberia que a febre amarela era provocada por um vírus. A situação no Brasil só mudaria no início do século 20, já na República, quando o médico Oswaldo Cruz, nomeado pelo governo para comandar a Diretoria-Geral de Saúde Pública, se dedicou a combater o mosquito *Aedes aegypti*. Em 1909, como resultado, o Rio de Janeiro foi finalmente considerado livre da febre amarela. A descoberta da vacina, em 1937, abriu uma nova frente de batalha. No Brasil, a última epidemia ocorreu em 1942.



Pintura de François-René Moreau mostra dom Pedro II visitando doentes em hospital no Rio de Janeiro



# Educação: Programa Ouse Criar inova em empreendedorismo

Iniciativa conduz a comunidade escolar aos acontecimentos sociais e econômicos da localidade onde ela está inserida

**Márcia Dementshuk**

Especial para A União



A suspensão das aulas presenciais da Rede Pública de Ensino da Paraíba não impede que programas pedagógicos planejados para este ano sejam aplicados. O Ouse Criar é um deles, uma proposta de ações educacionais voltadas a um conceito diferenciado de empreendedorismo. Conduzem a comunidade escolar aos acontecimentos sociais e econômicos da localidade onde ela está inserida, a uma análise e a busca de soluções inovadoras e sustentáveis para os problemas identificados.

É um programa “ousado”, diferente e inédito na rede pública de ensino. Está sendo desenvolvido por

especialistas da Secretaria de Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba desde 2017, primeiro com experiência piloto nas Escolas Cidadãs Integrais e Técnicas - o projeto adquiriu corpo, apresentou resultados positivos e agora, em 2020, no “ano da pandemia da covid-19”, começa a ser implementado remotamente, pela Internet, em todas as escolas públicas de Ensino Médio da Paraíba.

O secretário executivo de Gestão Pedagógica, Gabriel Gomes, salienta que o Ouse Criar “traz uma visão real do conceito de empreendedorismo, não relacionando apenas à ação de ser empresário, dono de empresa, mas as situações da vida em que o estudante poderá empreender e ter soluções para sua vida pessoal. É natural que possa despertar vocação para o comércio, ou para os negócios, mas o objetivo da nossa educação é partir do

princípio de que o estudante é o condutor de seu próprio processo, que aprenda a usar ferramentas de análise crítica e de gestão para que possa usar, inclusive, em o seu crescimento pessoal, tomar as decisões acertadas; ser protagonista de sua vida”.

De acordo com a coordenadora do programa Ouse Criar, Joedna Sabino, a pandemia forçou um breve adiamento no calendário das ações, já ajustadas. “No início, quando as aulas presenciais foram interrompidas, nós arregaçamos as mangas na Secretaria de Educação para adequar o programa a esse ‘novo normal’ imposto pela epidemia. Ao invés de barreiras, vimos oportunidades para desenvolver aptidões nas ferramentas tecnológicas que usaremos para aplicar o programa. Elas já existiam, mas como não precisávamos usá-las, não sabíamos operá-las”.

Fotos: Divulgação



Programa está sendo desenvolvido desde 2017 com a participação de estudantes da rede estadual

## + Crescimento pessoal e profissional

Pensando bem, para implementar o Ouse Criar foi preciso pôr em prática as orientações que o próprio programa apresenta: analisar o ambiente, detectar o problema e buscar uma solução inovadora. O programa é um bom exemplo do que pretende transferir aos estudantes.

Tome-se as escolas de Ensino Médio na Paraíba, são 455 ao todo (fonte: Plataforma Saber), agrupadas em 14 Gerências Regionais de Ensino: cada regional tem uma característica cultural e econômica singular. Portanto, a forma de executar a primeira fase do programa é diferente em cada localidade. Existem metas que devem ser cumpridas, objetivos comuns; mas a forma como cada escola cumprirá as metas não é rígida, ocorre de acordo com os recursos e facilidades. As ferramentas variam para alcançar o objetivo, o que já é um exercício de empreendedorismo para os gestores e professores, dentro do conceito explicado por Gabriel Gomes, quando empreender é um processo de aquisição de conhecimento para crescimento pessoal e profissional.

Antonio de Pádua Caetano de Lima Sobrinho, Assessor da Técnico 4ª Gerência Regional de Educação de Cuité, onde estão 17 escolas, falou como o programa está andando:

“Seguindo as recomendações do programa, cada escola indicou um professor para essa primeira etapa na escola. O professor divide a turma do 1º ano do Ensino Médio em grupos de 5 estudantes. Esses grupos são os times que trabalharão em propostas para solucionar os desafios.”

“Depois, o professor busca no município um ou mais profissionais dentro do arranjo produtivo local para interagir com os estudantes sobre sua atividade. As Gerências Regionais receberam três grandes eixos para selecionar a atividade profissional: 1) Soluções

Governamentais; 2) Inovação e Desenvolvimento Regional; e 3) Tecnologias Sociais. Nós ficamos com o segundo, por isso, orientamos os professores a fecharem parcerias na agropecuária, no setor produtivo, especialistas da Empaer-PB, etc.”

“Eles farão lives com os estudantes e professores para contextualizar a atividade os problemas e essas lives ficarão gravadas para aqueles que não têm acesso no momento. Os times analisam os debates, conversam entre si, podem fazer contato com os profissionais... Muitos estudantes já vivenciam o tema, pois faz parte de seu dia a dia. Daí, passaremos para uma etapa na qual os estudantes entrarão em contato com as metodologias de gerenciamento, planos de negócios, canvas, entre outros e, enfim, estarão com subsídios para formularem soluções para os problemas apresentados”, explicou Antonio de Pádua.

Todos os contatos, reuniões, debates, conversas, serão feitos pela internet, ou pelo telefone, usando o whatsapp, a rede social da escola, o Google Meet... As propostas de soluções dos grupos serão apresentadas através de um Pitch através de um vídeo de até 3 minutos. Especialistas irão avaliar as soluções mais inovadoras e aplicáveis; a maneira de se expressar no vídeo e outros critérios. A equipe com a melhor solução irá representar a escola na segunda etapa, que é a escolha de um time que representará a Regional.

Segundo levantamento realizado pela SEECT, as Gerências informaram que há uma disponibilidade dos estudantes para essa apresentação do Pitch remota. E ainda, para reforçar uma possível lacuna, a SEECT orientou a presença dos “mentores”, professores que acompanharão o desenvolvimento dos grupos e estarão atentos para as necessidades de recursos tecnológicos.

## Proposta pedagógica tem origem na Finlândia

O Programa Ouse Criar surge a partir de experiências pedagógicas vivenciadas por professores estaduais da Paraíba na Finlândia. As professoras Giovania Lira e Iolanda Cortez participaram da primeira turma do Programa Gira Mundo Professor, em intercâmbio para o país escandinavo, na Universidade de Tampere, em 2017. Atualmente elas trabalham como analistas pedagógicas de Projetos na Secretaria de Educação e da Ciência e Tecnologia, no desenvolvimento e aplicação do conceito ampliado de empreendedorismo.

“Nós entendemos que o empreendedorismo está relacionado com o desenvolvimento de vida. É o empreender com o ‘ser’. Como eu posso ‘ser’ um agente de impacto?”, explicou a professora Giovania Lira.

De volta ao Brasil, elas trouxeram uma proposta de produto pedagógico na área do empreendedorismo educacional e iniciaram estudos para adaptações ao contexto paraibano. As Escolas Cidadãs Integrais (ECIs) e as Técnicas (ECITs) passaram a empregar metodologias de ensino voltadas ao aprendizado do empreendedorismo a partir de 2017 e os resultados surpreendem ao observar-se as transformações de vidas dos estudantes.

“A proposta pedagógica com base no empreendedorismo é orientar o jovem na busca pelo que ele ou ela se identificam, o que querem fazer e o que precisam para realizar. E essa trajetória inicia com o sonho. O que o jovem sonha para sua vida?”, falam Iolanda e Giovania. A partir dessas experiências surge a disciplina “Colabore Inove” nas ECIs e o “Método ECIT”, nas Escolas Cidadãs Integrais Técnicas. Em seguida, são iniciados os programas de maratonas de empreendedorismo junto aos estudantes, o que leva à criação do “Ouse Criar”.



# Um homem generoso e com ideal humanitário

## Acometido por uma neoplasia, o médico paraibano Napoleão Laureano encampou um movimento de ressonância nacional em prol dos doentes de câncer

**Lucilene Meireles**  
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Dia 17 de março de 1951. Um médico paraibano, diagnosticado com câncer, desenganado pelos profissionais mais renomados do mundo, decidiu levantar a cabeça e lutar por quem ainda poderia ter uma chance de sobreviver à doença. Reuniu, na sede do jornal Diário Carioca, no Rio de Janeiro, políticos, médicos, jornalistas numa mesa-redonda, e pediu ajuda para criar instituições onde os pacientes com câncer pudessem se tratar Brasil a fora. O médico era Napoleão Rodrigues Laureano e, a partir de então, seu nome nunca mais foi esquecido.

Com o apoio que conseguiu naquele encontro, viu que a ideia poderia dar certo. "Isso tudo era transmitido pelo rádio, o povo ligando querendo ajudar, os médicos doaram um dia do seu salário. Após um certo número de horas da reunião, o volume de recursos era considerável e foi preciso criar uma fundação para administrar os recursos que chegavam. Chegou a ser recebido pelo presidente da República, Getúlio Vargas, que estava em Petrópolis", relatou Antônio Carneiro Arnaud, primeiro diretor do hospital e atual presidente da Fundação.

Paraibano de Umbuzeiro, Napoleão Laureano concluiu o curso de Medicina em 1943, na Faculdade de Medicina do Recife e veio morar na capital. "Era um médico muito generoso. Atendia a todos, quem podia e quem não podia pagar. Caridoso, respeitado, admirado pela população de João Pessoa, chegou a ser candidato a vereador e foi o segundo mais votado, perdendo apenas para Cabral Batista. Assumiu a presidência da

Câmara Municipal e foi aí que veio o diagnóstico de osteossarcoma do seio maxilar. Diziam que era um dente, sinusite e, quando veio o diagnóstico, a doença estava avançada", contou Carneiro Arnaud.

Napoleão foi para Nova York em busca de tratamento avançado, mas os especialistas concluíram que não havia mais nada a fazer. "Mesmo com essa sentença de morte dada pelos colegas renomados, voltou para o Rio de Janeiro e ficou sendo acompanhado pelos médicos do Hospital [Universitário] Gafreé e Guinle. Ele disse que estava ali pedindo para que se fizesse uma campanha no Brasil de luta contra o câncer, viabilizando uma entidade de âmbito nacional. Se não fosse possível, que pelo menos se construísse, em João Pessoa, uma instituição de combate ao câncer", lembrou Carneiro Arnaud.

Napoleão Laureano faleceu no dia 31 de maio de 1951. O hospital, idealizado por ele, foi inaugurado em 24 de fevereiro de 1962, em um terreno doado pelo então governador da Paraíba, José Américo de Almeida. A unidade de saúde é referência no tratamento do câncer na Paraíba e fica localizado no bairro de Jaguaribe, em João Pessoa. É destinado, especialmente, para os pacientes mais carentes, que não têm como manter um plano de saúde e são atendidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

"Nunca fechamos as portas e nunca diminuímos nossos atendimentos. O hospital é uma perfeição em seriedade, em decência em favor do canceroso pobre. Recebemos com dignidade, respeito. Isso tudo é resultado da dedicação e amor ao próximo que Napoleão Laureano mostrou no final da sua vida, na angústia, na dor" destacou Antônio Carneiro Arnaud.

Foto: Reprodução Facebook/Núcleo Napoleão Laureano



Laureano em reunião com Getúlio Vargas, no Palácio do Catete, reivindicando uma fundação de combate ao câncer no Brasil

## Profissionais de saúde falam sobre legado

/// A importância de Napoleão Laureano no cenário oncológico na Paraíba é gigante. Não tínhamos um local para cuidar desses pacientes. O tratamento era muito incipiente e ele criou um centro para tratamento oncológico. Algo extremamente grandioso que ele trouxe foi a possibilidade de formação do médico fazendo com que todos se envolvessem com a oncologia. Nas circunstâncias de dor que viveu, ele deixou seu ensinamento como oncologista, humanista. Seu grande legado foi deixar um ambiente com o melhor de si para a sociedade e um local onde os profissionais pudessem evoluir. O Hospital Laureano, assim como o Hospital de Trauma, transcende seus aspectos públicos e sociais. Para mim é um desrespeito com o meio ambiente, porque muitas vezes a pessoa não tem consciência do que está fazendo. Isso só vai prejudicar o futuro de um filho seu ou um filho meu. Muitas vezes a gente só pensa no nosso próprio bem, não pensa na natureza, aí acontece que a gente termina prejudicando o meio ambiente e depois nós mesmo sofremos as consequências ///

Otávio Sérgio Lopes - oncologista dermatológico; durante 16 anos, atuou como voluntário no Hospital Napoleão Laureano

/// Napoleão Laureano era um especialista em cirurgia de câncer. Estudou em Pernambuco e fez especialização no Serviço Nacional do Câncer, hoje Inca (Instituto Nacional do Câncer). Foi um dos primeiros médicos da Paraíba a se dedicar ao tratamento do câncer. Dos seus atendimentos, 80% eram para os mais humildes. A neoplasia maligna que ele tinha o levou a buscar uma assistência diferenciada para os pacientes. Na época, não havia hospital de referência e ele lutou por esse cuidado. Napoleão foi, realmente, um idealista. A doença dele ensejou a luta, promovendo uma grande campanha nacional em prol dos doentes de todo o Brasil. Quando precisou da radioterapia e teve que buscar no Rio de Janeiro, tentou viabilizar o serviço que não existia aqui. Ele é o patrono dos pacientes com câncer. Aqui não tinha lugar para pacientes com câncer e ele fez um esforço humanitário pela Paraíba e pelo Brasil. ///

Dalva Guedes Arnaud - chefe do Serviço de Oncologia Clínica do Hospital Napoleão Laureano

/// Doutor Napoleão Laureano foi um médico à frente do seu tempo. Acometido por uma neoplasia, pensou como poderia ajudar os pacientes portadores de câncer e não só a ele próprio, baseado no seu sofrimento, na sua luta. Por isso, ele inspirou e inspira até hoje todas as gerações de médicos e profissionais que trabalham naquele hospital. Pensamos, a cada dia, como melhorar a qualidade de vida e assistência daqueles pacientes tão sofridos, que vêm de municípios tão distantes para fazerem tratamento no hospital. Dessa forma, a Pediatría também se inspirou nele. Desde 1997, começou a construir um novo legado que foi o tratamento também das crianças com todos os tipos de neoplasia da Paraíba, vindas de qualquer lugar. Ele realmente inspirou todas as gerações e inspira até hoje ///

Andréa Gadelha - oncopediatra e chefe da Unidade de Pediatría do Hospital Napoleão Laureano



Foto: Reprodução

Napoleão Laureano era um médico solidário, atendia a todos, tanto a quem podia como a quem não podia pagar por sua consulta

## Comoção na Paraíba e no país

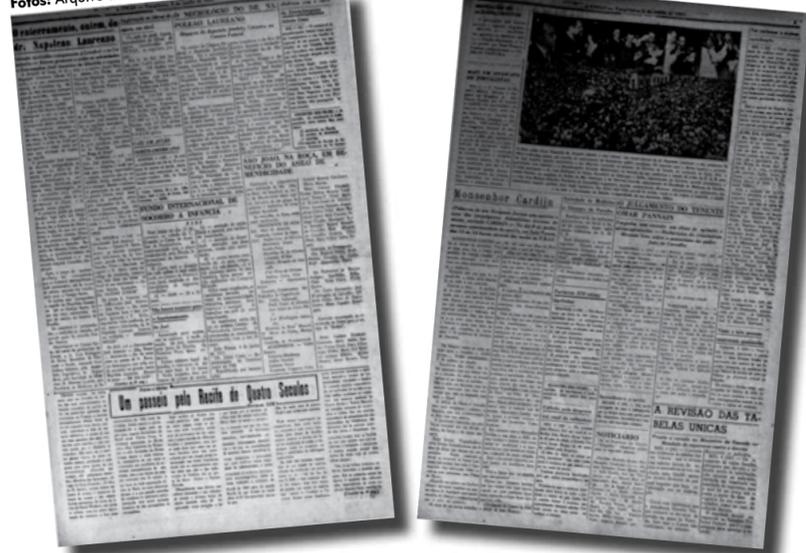
Napoleão Laureano morreu no Rio de Janeiro, enquanto lutava pela vida. Seu corpo veio para a Paraíba num avião da Força Aérea Brasileira (FAB) e foi enterrado no cemitério Senhor da Boa Sentença sob os olhares de uma multidão. Durante o velório, além de outras autoridades, estava o então governador da Paraíba José Américo de Almeida.

Também estiveram na despedida o diretor de A União na época, escritor Juarez Batista, que fez um discurso em nome da Fundação Napoleão Laureano. O registro de sua presença e discurso está na página

3, da edição de 5 de junho de 1951, de A União. Na época, o deputado Janduhy Carneiro fez um discurso, na Câmara Federal, lembrando a importância de Napoleão Laureano na luta contra o câncer no Brasil.

Na mesma edição do Jornal A União, porém, na página 5, o diário traz uma foto legenda, que mostra a multidão que tomou as ruas da capital para se despedir de Napoleão Laureano. A publicação desta data contém ainda os telegramas encaminhados ao governador da Paraíba, por autoridades e personalidades de várias partes do país, lamentando a perda do médico.

Fotos: Arquivo do Jornal A União



Edição de 5 de junho de 1951 do Jornal A União, reportando sepultamento do médico, acompanhado por uma multidão

## UM "TESTAMENTO" PARA AQUELES QUE SOFREM

■ "Ilustres Senhores, ninguém poderá duvidar das minhas intenções, pois condenado como estou pela Medicina, nada pretendo para mim. Profissionalmente, me faltarão as forças necessárias para qualquer iniciativa. Assim, não peço para mim, mas para meus patrícos, para milhares de brasileiros que, pelo interior, são vítimas do mesmo mal que me acometeu. Sinto forças morais para pedir, porque conheço a sensação de ser presa dessa moléstia terrível, pedir ao povo e ao Governo que me auxiliem a morrer tranquilo, com o conforto de haver feito algo, ao menos pela Paraíba, neste setor que abracei como especialidade, a luta contra o câncer. Quero, portanto, ver fundado pelo menos um centro de combate ao câncer, em João Pessoa, na Paraíba, ainda antes de morrer, se a sorte me permitir".

(Pedido de Napoleão Laureano, feito em 1951, no ano de sua morte, durante mesa-redonda, realizada no Jornal Diário Carioca)

# “Boa vida” com solicitude e faro investigativo

**Hilton Gouvêa**  
hiltongouvearaujo@gmail.com

Sebastião Barbosa da Silva nasceu em Alagoa Grande, no Brejo Paraibano, a 118 km de João Pessoa, no ano de 1937. Morreu em Santiago, capital do Chile, em 3 de janeiro de 2020, de complicações cardíacas, após quatro meses de internamento hospitalar. Era de família humilde e tinha o sangue combativo de sua tia, a líder sindical Margarida Maria Alves, assassinada em 1983. Falante, organizado e jornalisticamente “elétrico”, não parava um minuto em lugar algum da redação. Sempre tinha uma pauta engatilhada quando o repórter deixava transparecer desinformação sobre a reportagem que iria levantar.

A morte heroica da tia Margarida inspirou Barbosinha a escrever o livro “A mão armada do latifúndio”. Na obra, ele faz críticas ao que chamou de “a farsa de um inquérito policial”, se referindo à investigação sobre o caso Margarida, realizada pela Polícia Civil e ocorrida quando a ditadura militar estava em processo de transição para reinstalação da democracia no Brasil. Essa publicação também lhe concedeu “dores de cabeça”, a exemplo do caso do misterioso automóvel Parati, que perseguiu o jornalista dentro de João Pessoa, com o intuito de amedrontá-lo.

Antes do caso Margarida virar livro, Barbosinha foi fundamental durante a cobertura feita pelo Jornal A União sobre o assunto, como afirma o jornalista Nonato Guedes. “Fui editor de [o jornal] A União a convite do secretário de Comunicação, Luiz Augusto Crispim, por instância direta do governador Wilson Braga. A escolha de Barbosa para a chefia de reportagem se deu por sugestão de Braga. Acolhi por avaliar que ele estava à altura da missão. Ele foi importante, por exemplo, juntamente com Hilton Gouveia e José Euflávio, na cobertura jornalística sobre o assassinato da líder sindical Margarida Maria Alves, em Alagoa Grande”, recorda. “[Barbosinha] chegou a escrever um livro-reportagem que teve grande repercussão no Estado e foi citado por autores de renome nacional”, completa.

Assim era o jornalista, conhecido na área por Barbosinha, a quem Júlio Santana,

na época secretário de redação do Jornal A União, acrescentou o apelido de “good life” (boa vida, em português). Outro jornalista, Antônio Costa, também botou-lhe a alcunha de “elétrico”, porque Barbosinha se metia em tudo, mesmo sem ser chamado.

Durante sua carreira como jornalista, Barbosinha chegou a ser chefe de reportagem do Jornal A União, que tinha como editor geral e superintendente Nonato Guedes e Dioclécio Moura, respectivamente. Considerado “superexigente”, ele era uma espécie de “sombra” daqueles repórteres que não cumprissem as pautas com rigor. Devido a isso, criou algumas “pedras dentro do sapato” de jornalistas da redação.

José Euflávio, José Carlos dos Anjos, Aninha Sá, Chico Pinto e esse repórter que escreve agora eram os alvos diretos de Barbosinha. O motivo disso foi o fato dos cinco jornalistas terem confessado, em tom de brincadeira, que cumprir uma pauta do chefe de reportagem era fácil, pois bastaria lê-la e transcrevê-la, já que os detalhes contidos nela eram inúmeros.

O jornalista, empresário e advogado Chico Pinto lembra de as exigências de Barbosinha terminaram por lhe salvar a vida. “Escapei de morrer porque, providencialmente, Barbosinha me cobrou a conclusão de uma matéria, na hora em que eu ia sair com Pedro Moreira [jornalista]. Eu estava dentro do carro e Pedro já havia acelerado”, recorda.

Ainda segundo Chico Pinto, na ocasião, Barbosinha surgiu na janela da redação, que ficava na rua General Osório, e o chamou de irresponsável. “Eu me incluía entre os malandões da redação. E ordenou-me a terminar o meu trabalho. Como era coisa de minutos, fui. Ao voltar, Pedro havia ido embora, levando Domingo Sávio em meu lugar”, continua. “Mais tarde, eu soube do acidente, na estrada do Recife. Pedro morreu na hora e Sávio foi acidentado seriamente. Compridão como eu sou, fatalmente, teria sido degolado, pois o carro de Pedro entrou embaixo de uma carreta”, conclui.



Durante sua carreira jornalística, Barbosinha passou pela chefia de reportagem do Jornal A União e foi um profissional sempre muito exigente e cuidadoso com a apuração dos fatos

Foto: Reprodução

## Barbosinha, o “colega” sempre camarada

Apesar das exigências como jornalista, Barbosinha era solidário. Não havia problema que ele não resolvesse. Esse repórter que agora escreve pôde constatar isso de perto, quando redigia uma matéria sobre a herança de um padre, tomada por um só de seus herdeiros – os outros foram enganados. Mesmo acuado por três homens armados dentro da redação, na época localizada na rua General Osório, foi salvo pela benevolência de Barbosinha. Providencialmente, ele e Marconi Araújo vinham chegando. Quando os homens olharam para trás desistiram, pois tinham mais de 20 amigos do jornal em volta.

Inquieto e “ligadão”, Barbosinha foi quem descobriu a “barriga” que o Jornal A União publicou em 1973, quando trocou o nome do candidato militar à Presidência da República. Em vez de Ernesto Geisel, o jornal colocou, em títulos

garrafais, Orlando Geisel, também general e irmão de Ernesto Geisel. Luiz Augusto Crispim, então diretor do Jornal A União, ainda estava em casa, tomando o café da manhã. Barbosinha entrou de porta dentro, com um jornal dobrado na mão e exclamou: “chefe, o senhor já viu o erro que publicaram?” Era tarde demais. No dia seguinte, o Diário oficial publicou a exoneração de Crispim; do editor Marcone Cabral; e de Noaldo Dantas, secretário da Comunicação.

O jornalista Martinho Moreira Franco é outro que recorda as solicitações de Barbosinha. “Contava-se que não podia ouvir um ‘atchim!’”. Moto contínuo, se oferecia: ‘Pode deixar que eu gripo’. Acompanhando alguém que desse uma topada, logo se dispunha: ‘Pode deixar que eu caio’. E por aí seguia Barbosinha a exercitar seus dotes de solicitude e diligência. Não o fazia por bajulação, ou coi-

sa que o valha, mas por instinto de presteza e celeridade”, garante. “Tanto que distribuía obséquios e ligeirice sem distinção de status. Era dessa maneira com o governador, o prefeito, o deputado e também com o mais comum dos mortais. Em particular, com os colegas jornalistas, a quem tratava, em tom de camaradagem, por... colega”, completa.

### Dirigente de clube

Além do Jornalismo, Barbosinha chegou a assumir a presidência do Inter Clube Internacional, de Cruz das Armas. Na ocasião, ele conseguiu um feito inusitado: a permuta de lazer para aos sócios dessa agremiação e do Jangada Clube. Esse último é localizado na orla marítima da capital, em uma região mais privilegiada, financeiramente. Já o Internacional ficava na zona sul, na periferia de João Pessoa.

Foto: Arquivo particular



Barbosinha, com sua esposa Luana passou cerca de dez anos no Chile, país onde o jornalista faleceu, em janeiro de 2020, aos 83 anos de idade, depois de ficar internado por causa de problemas cardíacos

## Depoimentos daqueles que conviveram com o jornalista

“Era uma pessoa tão comunicativa, que falava pelos cotovelos e, apesar de algumas farpas por ele criadas, todos gostavam dele. Prestativo e muito bem relacionado com os políticos, Barbosinha tomava para si os problemas alheios e, aos brados de ‘colega’, quando começava uma coisa terminava. Os melhores momentos de Barbosinha eram na Churrascaria e Pizzaria La Bambina, onde ele passava na peneira tudo que aprendera em jornal e aconselhava os novatos de como proceder numa matéria. Autodidata, explicava a feitura de um lead a seu modo: ‘Comece a redigir a matéria pelo item principal e o resto é o resto.’”

Antônio David Diniz  
repórter fotográfico e químico industrial

“Foi o repórter mais desenvolvido que eu conheci. Era um ‘fominha’ à cata da notícia. Privilegiado, tinha inúmeras fontes, que confiavam nele cegamente. O bloco de anotações, sempre embaixo do braço, denunciava que muitas pautas estavam ali. Sendo um chefe de reportagem impulsivo e desconfiado, tirava a paciência dos subordinados, com seu jeito insistente de cobrar.”

Chico Pinto  
jornalista, empresário e advogado

“Tive Sebastião Barbosa como chefe de reportagem no período em que fui editor de [o jornal] A União, no governo de Wilson Braga, empossado em 1983. Já conhecia Barbosa desde que cheguei a João Pessoa, em 1978, e passei a atuar como repórter político. Sempre o considerei um bom repórter, esforçado, com fontes privilegiadas em diferentes setores, da política à Medicina. Também fora autor de grandes ‘furos’ na imprensa escrita e falada.”

Nonato Guedes  
jornalista político e ex-diretor do Jornal A União

“Ironicamente, ganhou o apelido de ‘Boa vida’, com direito à versão ‘Good life’, da qual parecia orgulhar-se. Sobressaiu, especialmente, no Jornalismo, como radialista e repórter de faro apurado, sem tanto o talento para o gênero investigativo, de que são testemunhos os livros que escreveu sobre o assassinato da líder camponesa Margarida Alves e a impunidade no Brasil.”

Martinho Moreira Franco  
jornalista

## Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

## Em defesa do jornalismo de subjetividade

Há quem acredite em duendes, bruxas, ETs. Há também quem acredite em jornalismo isento, 100% objetivo. Com o olhar voltado para esse último, a jornalista e professora Fabiana Moraes, premiada diversas vezes por suas reportagens, defende o exercício do jornalismo de subjetividade, uma ferramenta que pode contribuir para o refinamento do fazer jornalístico.

Em entrevista ao doutorando Dairan Paul, no site Objethos, Fabiana Moraes explica o que vem a ser jornalismo de subjetividade, um método-teoria que aposta no potencial subjetivo dos jornalistas como agentes de sua própria fala. “De maneira rápida, (é) ultrapassar valores-notícia essencialmente hierárquicos sobre pessoas e lugares; buscar superar a perspectiva do fato extraordinário como noticiável e compreender que esse processo levou a uma ‘outremização’ (no qual o jornalista é o ‘normal’ que narra a vida ‘diferente’ de comunidades, pessoas e grupos); assumir o posicionamento de quem fala, sem esconder uma fala situada – como

tentam fazer justamente nossos colegas ‘imparciais’”.

Para Fabiana, essa perspectiva subjetiva não nega que o jornalismo se baseia no cotidiano e que se constrói pressupondo a objetividade. “A diferença, aqui, é que não se nega o caráter subjetivo – algo, importante dizer, que ultrapassa o mero ‘eu’, visto que todo e qualquer subjetivo é também construído socialmente”, defende.

Autora de cinco livros, sendo a obra mais recente “O Nascimento de Joicy”, Fabiana Moraes também relaciona o jornalismo de subjetividade a uma questão ética, visto que as realidades com as quais o jornalista se depara no seu cotidiano profissional colocam seus valores morais em conflito, e isso afeta (ou deveria afetar), a escrita.

“É nesse contexto que a subjetividade, que preconiza esse movimento de autorreflexão contínuo, tensiona a questão da ética e faz com que jornalistas se percebam como seres dinâmicos. O ativismo (...) é a grande Geni da imprensa, que se comporta como se não tivesse ideologia, orientação, perspectiva. Isso é coisa dos



outros, de jornalistas e empresas menores. Novamente, temos a perspectiva universalista da ‘grande imprensa’. Esta, porém, lança mão de ações, conceitos, orientações, que podem ser pensadas em uma dimensão ativista”.

Para avançar nas reflexões que propõe sobre o tema, a pesquisadora e jornalista faz uma provocação: “Se o Intercept é ‘ativista’ ao divulgar as mensagens presentes na Vaza Jato, como chamar o áudio vazado pelo JN no qual Dilma Rousseff e Lula conversam? Por qual razão entendemos que ativismo está relacionado a um campo progressista, e nunca conservador?”.

Ao citar esse exemplo, Fabiana Moraes

mostra que ações ativistas no jornalismo são pertinentes a todos os espectros ideológicos. E nos propõe um novo questionamento: “Quando o JN decide fazer uma matéria sobre a distribuição de comida pelo centro de Recife para pessoas em situação de rua, afetadas pela pandemia, por que não citar que o MST participa ativamente da ação?”.

Para Moraes, suprimir o MST como doador de alimentos, algo que suavizaria a imagem do movimento frente ao grande público, é uma escolha editorial do Jornal Nacional, que, ressalta a pesquisadora, ainda assim, se autointitula de imparcial. “Toda prática jornalística é posicionada e ideológica. Abrir essa verdade para leitores e leitores é torna-los mais participes do processo de construção jornalística, e não há problemas nisso”, defende.

Aqui, o modelo de jornalismo de subjetividade defendido por Fabiana Moraes converge para o pensamento de Eugênio Buccini no livro “Sobre Ética e Imprensa”. Diz o autor: “O jornalismo que não dialoga sobre seus próprios métodos e procedimentos não é ético nem informativo. (...) O jornalismo como um ambiente profissional só pode desenvolver sua ética na relação com os outros, com outros campos profissionais e sociais, com outras pessoas outros ofícios, e finalmente, com outras formas de busca de verdades”. Ou como diria Moraes: com outras formas de representações da verdade.

## Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

## O cearense e o capixaba que apaixonaram o Brasil

Nascido em Leopoldina (ES), no ano de 1915, o capixaba Jair Amorim jamais imaginou em fazer sucesso na radiofonia brasileira ao conhecer o cearense Evaldo Gouveia. Juntos, eles criaram a composição ‘Sentimental Demais’, imortalizada na voz do mineiro Altamar Dutra, que galgou os patamares da glória com esta canção. Aos 13 anos Jair já havia criado uma modinha em espanhol, que ele mesmo saía cantando no colégio onde estudava – o Internato São Vicente de Paulo. Ninguém entendia, mas a melodia era bonita e a letra se espalhou pelo colégio, sendo cantada por todos. Sem saber, Jair concretizou seu primeiro sucesso musical, tendo os coleaguinhos como ardorosos fãs..

A perda do pai, aos 15 anos, o forçou a largar os estudos. E ele iniciou sua vida profissional no Diário da Manhã, em Vitória (ES), como cronista social, crítico de teatro, de cinema e revisor de textos. Para sobreviver, improvisou-se como jornalista e radialista, atuando em diversas modalidades. Em 1940, foi

locutor e dirigiu alguns programas na Rádio Clube do Espírito Santo, começando a escrever letras para carnavais. Um ano depois, mudou-se para o Rio, onde escrevia para a revista Carioca. Já locutor na Rádio Mundial, conheceu o compositor e pianista José Maria de Abreu.

Jair foi se integrando nas rodas de compositores e boêmios, o que lhe rendeu uma parceria com o sambista Dunga. O fruto composicional desta dupla estourou com ‘Conceição’, o maior sucesso na voz de Cauby Peixoto, em 1956, e Alcyr Pires Vermelho (‘Se Alguém telefonar’) no ano seguinte. No início de 1950, quando entravam na moda os conjuntos vocais, um grupo desta modalidade musical despontava no Ceará. Surgia o Trio Nagô, sendo um dos integrantes Evaldo Gouveia, também violonista e melodista. O Trio Nagô agradou muito ao se apresentar na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Evaldo Gouveia, que o fundou com o nome de Trio Iracema, nasceu em Orós (CE), em 1930.

Aos 19 anos já tocava em conjuntos, e as músicas de Jair Amorim lhe despertavam a atenção. Percorrendo programas de calouros e arrebatação de prêmios como cantor, já sentia que seu prestígio aumentava e podia se dar ao luxo de cantar na Ceará Rádio Clube as músicas da dupla Jair Amorim-José Maria de Abreu. Formado o Trio vocal (Iracema) Nagô, em 1950, o grupo fez carreira se apresentando pelo Brasil e exterior durante 12 anos. Sucessos que foram surgindo após 1957. Gouveia compôs em algumas parcerias com Gilberto Ferraz (‘Deixe que ela se vá’), Pedro Caetano (‘Eu e Deus’) e Almeida Régio (‘A Noite e a Prece’ e ‘Pior pra Você’).

### Parceria nasceu de uma troca de elogios

Jair Amorim era secretário e diretor da UBC - União Brasileira de Compositores - quando conheceu Gouveia, que tentava se filiar à associação em 1958. Após uma troca de mútuos elogios, naquele momento se iniciou uma das parcerias mais famosas da MPB. A primeira de uma lista de 150 composições (na maioria sambas-canções em ritmo de boleros).

E foi o samba-canção ‘Conversa’, gravado por Alaide Costa, em 1959, o primeiro LP da cantora. A partir de 1962, conta-se o primeiro grande

sucesso da dupla Jair e Evaldo: ‘Alguém Me Disse’, gravada por Anísio Silva. Incontáveis sucessos na voz de Miltoninho, com ‘Poema do Olhar’, e Morgana, com ‘E a Vida Continua’, mais tarde regravação com sucesso por Agnaldo Rayol.

Evaldo e Jair foi a dupla que mais fez sucessos no Brasil, dentro da MPB. Não eram clássicos, e sim canções que mexiam com o que o povo sente: roedeiras, paixões, queixas, traições, ciúmes. Antes de conhecer Gouveia, Jair já entrosava valsas com o amestro e compositor de valsas José Maria de Abreu. Esta dupla foi buscar nas canções mexicanas do cantor Lourezo Pacelata a versão brasileira de Maria Helena, projetada nas vozes dos maiores cantores brasileiros da época.

O brasileiro Dick Farney, também ator de cinema - como seu irmão Gil Farney - gravou ‘Alguém como Tu’, em 1952. Sendo o maior letrista da época em que viveu, Jair fez a letra de ‘Maria dos Meus Pecados’, com a participação de Dunga e interpretação, também, de Dick Farney (1957). Antes (1953) ele letrou ‘Aperta-me em Teus Braços’, com música de José Maria de Abreu. Depois, veio outro estrondoso sucesso desta dupla: ‘Ninguém me Pergunte’. Por hoje é só.

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

**Walter Ulysses** - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante em (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scoledicucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses  
chefwalterulysses@hotmail.es

Fotos: Freepik/Reprodução



# Olha pro céu, meu amor!



**Q**uem diria que o nordestino iria passar, ao menos uma vez na vida, sem o amado São João do Carneirinho. Festa maior que o nordestino sangue raiz ama de verdade, com sua gastronomia variante de estado para estado, nomes de que já dão água na boca, mesmo no silêncio, ainda escuto o chiado da chinela em cada lugar que toca o forró. Pandemia malvada, não soube nem esperar. Festa que o nordestino sonha em ter uma roupa bem feita, um sapato à altura do terno a vestir. Esperar a dama para dançar a quadrilha, ou ao menos um forró apertado de se suar

todo, pois quem gosta esse gosta com vontade. Difícil encontrar quem troque uma noite de São João por qualquer outra coisa.

Vai bater saudade de ter o cheiro da fogueira queimando, do milho assado, da comida encontrada nas maiores festas juninas de nossa região. Campina Grande o Maior São João do Mundo, Bananeiras com seu frio gostoso que faz com que o forró seja mais apertado. Santa Luzia a cidade que ensinou o mundo a dançar forró. Cidade onde tem a Fazenda Barra, que sempre uma semana antes do São João realiza o famoso São João da Barra.

Esse ano comemoraria 23 anos de tradição, organizado pelo meu sogro Beranger Araújo. Patos com seu calor gostoso que anima o terreiro do forró, ou mesmo o famoso coreto de Patos. Sousa - a terra dos dinossauros - com seu São João tradicional. Cajazeiras com seu famoso Chamegão... eita que, como canta em poesia o grande Flávio José, "Tum-tum-tum bate coração..." é a saudade que fica, esperando dias melhores no fim do túnel.

Quem nunca esperou a raspa do tacho de uma canjica; comeu aquele bolo de milho quentinho, com café na hora que sai; pamonha de várias formas salgadas, doces; e muitas outras comidas juninas em aglomerações, seja na casa, no sítio, ou na cidade que antes você passava o São João? Até as fogueiras não podem ser acesas, pois tem um motivo especial para isso, que é a pandemia.

Mas, como tudo na vida, nós nordestinos temos nossa forma de ser diferente: faça seu São João em casa, aproveite para fazer as encomendas nos locais que estão fazendo comidas típicas. Esse também é um momento especial. Viver em confinamento com quem você ama é especial também. Veja as opções de pedidos nas redes sociais e faça valer seu São João em casa com quem você está confinado.

Esse ano a música do saudoso Luiz Gonzaga será com toda certeza diferente, mas não vamos esquecer.

**"A fogueira tá queimando  
Em homenagem a São João  
O forró já começou  
Vamos gente, rapapé nesse salão..."  
Viva São João!"**



Foto: Arquivo Pessoal

## PRATO DO DIA

**Canjica de milho da vovó Rosele (minha mãe)**

### Ingredientes

- 10 espigas de milho
- 500 ml de leite de coco tirado de 1 coco ralado
- 02 xícaras de chá de açúcar
- 01 copo de leite
- 01 colher de sopa rasa de manteiga
- Sal a gosto
- Canela em pó a gosto para polvilhar

### Modo de preparo

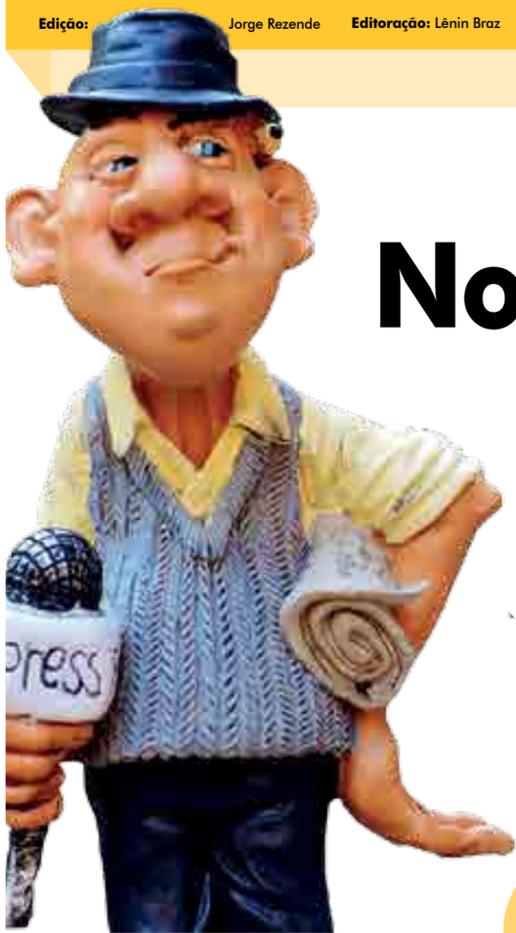
Descasque os milhos e corte-os, separando os grãos das espigas. Passe o milho no liquidificador com o leite. Passe na peneira, espremendo bem. Leve ao fogo numa panela, com o leite de coco, o açúcar, a manteiga e o sal, mexendo sempre. Deixe cozinhar até engrossar e soltar do fundo da panela, mexendo, por uns 40 minutos. Coloque numa travessa, polvilhe com canela e sirva.



## PITADAS A GOSTO

Os historiadores apontam que as origens da festa junina estão diretamente relacionadas a festividades pagãs, realizadas na Europa, na passagem da primavera para o verão, momento chamado de solstício de verão. Essas festas eram realizadas como forma de afastar os maus espíritos e qualquer praga que pudesse atingir a colheita. Para melhor entendermos isso, é preciso considerar que o solstício de verão no hemisfério norte acontece, exatamente, no mês de junho.

A festa junina é uma tradicional festividade popular que acontece durante o mês de junho. Essa comemoração é comum em todas as regiões do Brasil, especialmente, no Nordeste, e foi trazida para o nosso país por influência dos portugueses no século XVI. Inicialmente, a festa possuía uma conotação estritamente religiosa e era realizada em homenagem a santos como São João e Santo Antônio.



## Notício, repercutu... Logo existo

### Do papel de reportar a personagem da história



**Alexandra Tavares**  
lekajp@hotmail.com

Atualmente a imprensa, além de executar seu papel de reportar os fatos do dia a dia, também é destaque nos noticiários, sendo personagem da história. É criticada, desvalorizada e desacreditada por algumas pessoas influentes na sociedade. Na Paraíba, vimos jornalistas e outros profissionais da comunicação social sendo agredidos verbal e até fisicamente. No Brasil, esse panorama é semelhante. Não são raros os ataques de cunho político-partidário, dos chamados "bolsonaristas", criminalizando a informação, os veículos e os profissionais com total desrespeito ao ser humano, à liberdade de expressão e à pluralidade de vozes.

Neste mês em que se celebra o 'Dia da Imprensa' (comemorado no dia 1º de junho), o momento é de reflexão e preocupação diante de uma "onda" de desinformação e ameaças que cresce a cada dia e atinge equipes de rádio, tevê, veículos impressos e on-line.

As perguntas que se faz são: qual o motivo de tanta indignação com relação à imprensa? Por que ela incomoda tanto?

Antes de buscar essas respostas, é necessário tentar entender a trajetória da imprensa ao longo das décadas e qual a sua importância para a sociedade. A professora de Pós-Graduação em Jornalismo, do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Glória Rabay, contou que, desde a Revolução Industrial, a sociedade, especificamente o mundo ocidental, passou a viver em torno do trânsito das informações. "Desde as informações rotineiras, para

Foto: Arquivo Pessoal



“Não só a sociedade pauta a imprensa, mas a imprensa tem um papel importante de pautar a sociedade”

**Glória Rabay**

alimentar a curiosidade popular e ao mesmo tempo criar um elo, um sentido de união, de sociedade. Até a informação comercial e financeira”.

Essas notícias passaram a circular com bastante evidência neste período, alimentando e movendo o povo, como um elo que une interesses em torno do progresso econômico e civilizatório. Desde

então, o jornalismo tornou-se peça fundamental, agindo como uma verdadeira “cola social”, disseminando informações por todas as partes, mas, sobretudo, dando suporte aos empreendimentos industriais, comerciais e financeiros. “É esse tipo de circulação que vai gerar mais riquezas, que vai fazer com que

peçoas empreendedoras possam visualizar oportunidades de crescimento econômico”, destacou a professora.

Nesse contexto, é possível entender como se estabelece, gradativamente, o papel da imprensa no meio social. Glória Rabay destacou que a partir do século XIX, e mais

fortemente no século XX, as premissas e compromissos com a verdade e com a objetividade transformam o jornalismo em um “guia”, que mostra por onde a sociedade deve andar.

“Ou seja, a partir das informações que a imprensa nos dá, calçadas no princípio do compromisso com a verdade, eu posso escolher que opção política, que investimento fazer, onde comprar. Então, não é à toa que, podemos dizer que, não só a sociedade pauta a imprensa, mas a imprensa tem um papel importante de pautar a sociedade”, reforçou Rabay.

Essa participação da imprensa no decorrer das décadas ganhou força. No mundo atual, considera-se relevante aquilo que foi divulgado. “Porque nossa sociedade adquiriu uma complexidade tão grande que, aquilo que não é noticiado, pode se dizer que não existiu, porque não repercutiu socialmente. Portanto, não pode guiar minhas decisões, algo que não sei”, salientou a professora.

## + Jornalismo e credibilidade

A professora de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB, Glória Rabay, explicou que, para terem força, as informações divulgadas na sociedade não devem vir de qualquer mídia, de qualquer fonte: mas sim do jornalismo profissional. Apesar de todas as crises que a imprensa vive hoje em dia, ela reforça que somente ele tem credibilidade para iluminar as ações sociais.

“Eu não posso me guiar por notícias de WhatsApp”. Tenho que conferir a informação nos grandes veículos, apesar de todas as críticas atribuídas a eles sobre sua imparcialidade”. Diante da importância do jornalismo na condução da própria sociedade, no papel transformador e dinâmico que a imprensa exerce com seus interlocutores, a professora explica que a censura, quando aplicada na imprensa, representaria a perda desse guia que aponta por onde andar.

Para Glória Rabay, embora seja inegável a importância e reflexos da imprensa em todas as escalas sociais, ela acredita que é exagero considerá-la o “quarto poder”, como alguns a intitulam. A professora afirma que existem muitas outras forças agindo entre os três poderes.

## ‘Dia da Imprensa’

Até 1999, o ‘Dia da Imprensa’ (celebrado atualmente no dia 1º de junho) era lembrado em 10 de setembro, por ser a data da primeira circulação do jornal Gazeta do Rio de Janeiro, em 1808, periódico da Corte. Depois de 1999, a comemoração foi alterada para 1º de junho em referência à data em que começou a circular o jornal Correio Brasileiro, fundado por Hipólito José da Costa.

Mesmo de forma clandestina, esse periódico iniciou suas publicações em 1808, três meses antes que o Gazeta do Rio de Janeiro. Assim, em 1999, foi oficialmente reconhecido esse fato, e a Lei 9.831, de 13 de setembro de 1999, definiu a mudança do ‘Dia da Imprensa’ para 1º de junho.

## Informação e conhecimento à sociedade

Ao destacar a importância que a imprensa tem no mundo, a professora Zulmira Nóbrega, coordenadora do Mestrado em Jornalismo Profissional da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), vai buscar um pensamento do filósofo Karl Marx (1818-1883) que diz que “uma única edição de um bom jornal diário trazia uma quantidade de informações que demoraria dez anos para o leitor aprender”.

Considerando que o pensador estava se referindo aos diários da segunda metade do século XIX (publicações que não tinham muitas páginas), a professora Zulmira afirma que a mensagem é muito explicativa sobre o fato de a imprensa ser fundamental para trazer informação e conhecimento à sociedade. “Algo indispensável para a democracia”, completa Zulmira Nóbrega, que é doutora em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Ela enfoca que, para se chegar ao formato atual, a imprensa passou por várias fases, transformando-se no decorrer das décadas, adaptando-se às realidades e contextos em que vivia. Em um primeiro momento houve a imprensa político-literária, feita por escritores e políticos. Depois, a imprensa de massa (1830-1900), marcada pela profissionalização e linguagem jornalística: enquetes, reportagem, manchetes, entre outros.

A professora cita que, posteriormente, veio a imprensa monopolista (1900-1960), época de tiragens monstruosas, com grande influência de publicitários e de relações públicas. “Por fim, a época da informação eletrônica e interativa, a partir de 1970. A velocidade, e o impacto visual são os maiores valores dessa fase”, completou.

“A imprensa deve continuar insistindo em desempenhar o papel de levar informações, notícias, opiniões e reportagens comprometidas com a verdade”



**Zulmira Nóbrega**

Independentemente do formato adquirido em cada época, a imprensa sempre esteve em um processo de mutação, assumindo vários papéis a partir de um contexto estrutural maior, como tecnológicos, econômicos, sociais e profissionais. De acordo com ela, esse conjunto, pensando coletivamente, tem impulsionado a imprensa de uma forma geral.

“Várias coisas mudaram no fazer jornalístico das últimas quatro décadas. Penso que a imprensa brasileira deve continuar insistindo em desempenhar o papel de levar informações, notícias, opiniões e reportagens comprometidas com a verdade, originais, bem apurada, com qualidade, que alcance o maior número de pessoas e que sejam úteis para elas”.



# Existência da democracia pressupõe uma imprensa livre

**Alexandra Tavares**  
lekajp@hotmail.com

Atualmente, não é difícil de se ver nas mídias tentativas de “calar” a imprensa. Pior: essas manifestações de desrespeito muitas vezes têm origem nos salões nobres do Poder Executivo da nação. Elementos como o endurecimento da ditadura militar brasileira, como o Ato Institucional Número 5 (AI-5), já foram citados pelos militantes do presidente brasileiro em ato público.

O recado é claro: quem não está “alinhado ao Governo Federal” não merece crédito, respeito ou voz. Esse é apenas um dos contextos em que se está a imprensa nos tempos atuais. Segundo Carmélio Reynaldo Ferreira, jornalista que foi professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) por 39 anos, atuou como ombudsman no extinto Jornal Correio da Paraíba e hoje integra o Fórum Interinstitucional pelo Di-

reito à Comunicação (Findac), preservar a liberdade de expressão e a liberdade de imprensa é um dever inerente das democracias. “É óbvio que um dos pressupostos para um regime ser considerado democrático é a existência da liberdade de expressão e da liberdade de imprensa”, salientou.

Ele afirma, no entanto, que “essas liberdades não são irrestritas”. No caso da liberdade de expressão, seja individual, de grupo ou organização, deve se respeitar outros pressupostos da democracia, levando em conta diferenças e opções pessoais e coletivas.

O professor aposentado lembra que a Declaração Universal dos Direitos Humanos deve ser considerada fundamento para qualquer discussão sobre a amplitude e os limites da liberdade de expressão. Com relação à liberdade de imprensa, só poderá ser considerada, se houver pluralidade de vozes. “E

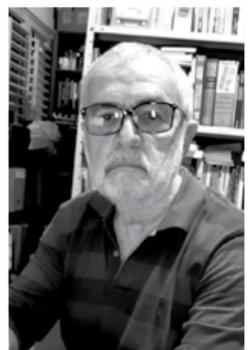
essa pluralidade depende de como os meios de comunicação são regulados na legislação do país”.

No caso do Brasil, Carmélio explica que, apesar de a Constituição Brasileira (vigente desde 1988) determinar uma regulação que atenda à pluralidade e evite a concentração de propriedade, isso nunca foi feito devido à pressão do pequeno grupo controlador da quase totalidade dos meios no país. “Em razão da permanência disso, temos uma concentração que desequilibra as forças e nos torna uma democracia capenga”, criticou.

Ao analisar a postura dos apoiadores e também do próprio presidente do país com relação à imprensa, Carmélio Reynaldo afirma que “as tendências despóticas de Bolsonaro e seus seguidores trouxeram novamente para o debate na sociedade a discussão sobre a liberdade de expressão”.

“Tendências despóticas de Bolsonaro e seus seguidores trouxeram novamente para o debate na sociedade a discussão sobre a liberdade de expressão”

**Carmélio Reynaldo**



De acordo com ele, porém, essa é uma questão de momento, que só ganhou dimensão por causa do interesse de alguns grupos midiáticos que se sentem ameaçados. “Na verdade, toda essa discussão sobre a liberdade de expressão e de imprensa está servindo para interditar o debate da necessidade de democratizar e regulamentar os meios de comunicação”, concluiu.

Foto: Reprodução/Acervo O Globo

## Autoritários não querem versões do fato

Partindo do princípio do papel do jornalismo como norteador social, a professora Glória Rabay, da UFPB, afirma que a repressão contra a liberdade de imprensa representa a perda do “próprio farol que ilumina os povos”. Segundo ela, a partir do momento em que a imprensa é tolhida, está bloqueada. Com isso, as informações chegam ao público através de um único informante, ou dos informantes de suas bolhas. “E o único resultado disso é o autoritarismo, a ditadura, é algo distinto da democracia, que nós consideramos fundamental, seja para decisões econômicas, comerciais ou financeiras, seja para a própria movimentação social”, frisou.

Glória Rabay enfoca que uma sociedade que não tem democracia, perde a possibilidade de agir com consciência, a partir de dados que foram supostamente checados, analisados, balizados. Ela perde a capacidade “científica” de pensar. “Então, é uma sociedade que passa a andar às cegas, que perde a autonomia da decisão. Enfim, podemos

dizer que a democracia é um princípio básico para uma imprensa livre, e uma imprensa livre, é o princípio básico para uma democracia”, resumiu.

Ao analisar as atitudes ríspidas, de descrédito e ameaças que alguns líderes mundiais atribuem à imprensa, Rabay destaca que essa postura existe porque o jornalismo mantém o compromisso com a busca da verdade, embora o conceito de verdade seja muito complexo.

De acordo com ela, são justamente os governos autoritários que têm a imprensa como inimiga. “Porque a eles, não importa o princípio da transparência, não importa a escuta do opositor. O que o governante autoritário deseja é que seu opositor seja silenciado. Isso se contrapõe aos princípios da imprensa, que é ouvir o contraditório. Então, ao não fazer isso, ao não colocar uma única história, uma única versão dos fatos, ela contraria os interesses do gestor. Eles vão se sentir perseguidos pela verdade, pelos fatos, por alguém que pensa diferentes deles”.

Foto: Pixabay



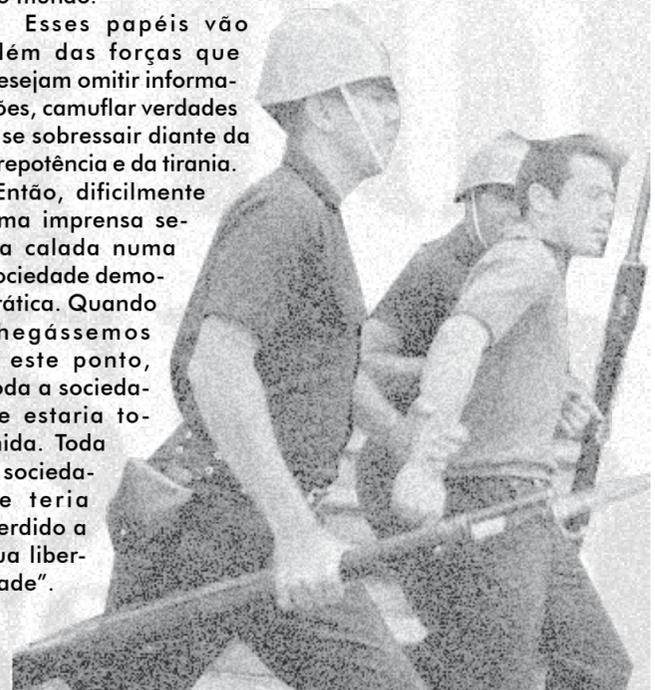
## Situação de crise absoluta

“Nem a ditadura conseguiu calar totalmente a imprensa”. A frase é da coordenadora do Mestrado em Jornalismo Profissional da UFPB, Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho, ao comentar que prejuízos a sociedade teria, caso a imprensa fosse silenciada?

Ela ressalta que se isso se concretizasse, todos estariam em uma situação de crise absoluta. “A sociedade provavelmente já estaria mergulhada nos prejuízos de um regime autoritário.

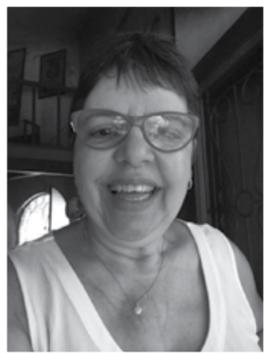
Foi assim na ditadura militar”, recordou. Mas, segundo ela, nem o governo autoritário conseguiu tolher totalmente a imprensa porque, numa visão ampla, os profissionais da comunicação social têm papéis fundamentais como vigia da sociedade, como defensores da democracia, denunciadores de injustiças, das violências, a exemplo do que está ocorrendo no mundo.

Esses papéis vão além das forças que desejam omitir informações, camuflar verdades e se sobressair diante da prepotência e da tirania. “Então, dificilmente uma imprensa seria calada numa sociedade democrática. Quando chegássemos a este ponto, toda a sociedade estaria tolhida. Toda a sociedade teria perdido a sua liberdade”.





## Há como ter isenção no jornalismo sem favorecer nenhum dos lados em uma reportagem?



///Ter ética é não se corromper e nem propagar inverdades, respeitando todos os princípios de igualdade e justiça ///

**Silvana Sorrentino**

**Alexsandra Tavares**  
lekajp@hotmail.com

Se há um elemento inerente a qualquer profissão é a ética. Na imprensa, a jornalista e assessora de comunicação Silvana Sorrentino Moura de Lima afirma que a ética e o compromisso com a verdade andam juntos. Manter a retidão dos atos, de valores e princípios, funciona, nesse caso, como em qualquer aspecto da vida. “Ter ética é não se corromper e nem propagar inverdades, respeitando todos os princípios de igualdade e justiça”, salientou.

Ela reforça que esse conjunto de valores morais é essencial para o exercício da imprensa porque, sem eles, não se pode vislumbrar um profissional coerente e preocupado com a verdade.

Mas, infelizmente, no mundo atual todo um contexto social, político e econômico possibilitou o desvirtuamento da preservação dos atos éticos em alguns veículos da imprensa. Segundo ela, um dos fatores que contribuiu para isso foi a permissividade de qualquer pessoa ser chamada de jornalista, a partir da não obrigatoriedade do diploma universitário para exercer a profissão. “Isso criou uma categoria distanciada da preocupação com a ética”.

O resultado são informações transmitidas sem o devido cuidado com a confirmação dos dados ou critério ético para a sua propagação. Para a jornalista, os tempos são difíceis, uma vez que as fake news (notícias falsas), maior exemplo da má postura e ética de algumas pessoas, estão tomando conta de todas as áreas da comunicação.

Sorrentino afirma que a falta do compromisso com a verdade pode acarretar prejuízos incalculáveis aos protagonistas de uma história inverídica. “Temos o exemplo clássico da Escola Base, que destruiu vidas, por conta da irresponsabilidade de uma notícia mal apurada pela imprensa”, citou.

A jornalista destaca que os veículos sensacionalistas são os maiores propagadores das denúncias sem comprovação, tornando tudo mais difícil para a defesa dos acusados, que são condenados pela imprensa e pela sociedade sem qualquer direito à defesa ou ao contraditório.

A missão da imprensa e do jornalista é desafiadora e a aplicação da ética põe em xeque a postura do autor das notícias, que às vezes se vê obrigado a retratar a posição do veículo a que serve. “O bom profissional, pautado pela ética, tem que tentar ser isento”.

Ela salienta que esse é um ponto difícil, porque fere os princípios do profissional e esbarra na necessidade de sobrevivência do repórter. Esse impasse, segundo ela, faz com que muitas vezes o profissional repense a sua função na sociedade. “A receita é ser o mais fiel possível à verdade e à ética, ouvindo os dois lados da história, mesmo que isso lhe custe o emprego”, frisou.

### Afinal, o que é ética?

Mesmo estando presente na vida pessoal e profissional dos indivíduos, difícil é definir a ética e explicar como ela se aplica no universo da imprensa. A mestra em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e colunista do Jornal A União, a jornalista Angélica Lúcio, afirma que de uma forma geral a ética está relacionada “ao que é certo versus ao que é errado”. Porém, na prática, não é tão simples assim, uma vez que esse conjunto de princípios morais diz respeito à conduta humana, diante de situações que geram conflito.

“Entendo a ética como algo essencial para toda e qualquer pessoa, toda e qualquer profissão”, declarou. No caso da imprensa, requer um cuidado maior porque, ao citar o professor e jornalista Eugênio Bucci, Angélica lembra que “jornalismo é conflito, e quando não há conflito no jornalismo, um alarme deve soar”.

Entre outras funções, o jornalismo tem o papel social de bem informar, formar e orientar a população e, segundo Angélica, o exercício da profissão é uma atividade de natureza social e de natureza pública. Por isso, quando um jornalista ou um grupo de mídia age de forma irresponsável, podem gerar danos irreparáveis a indivíduos, de forma isolada ou coletiva.

A jornalista salienta que, quando se fala em ética, também é preciso considerar que o essencial é o caminho para se obter algo, não o resultado em si. Ou seja, os fins não justificam os meios. Ao repercutir determinada notícia, um comunicador social pode ajudar a “derrubar” um político denunciado por corrupção ou “condenar” um dono de escola suspeito de abuso sexual infantil.

Então, Angélica questiona: “Se também fosse dada ampla divulgação à minha rotina jornalística para obter tais reportagens, será que eu me orgulharia do meu comportamento? Será que sempre me pautei pela verdade? Será que todas as justificativas para a conduta que eu adotei podem ser consideradas corretas? Será que fui ético?”.

///Entendo a ética como algo essencial para toda e qualquer pessoa, toda e qualquer profissão ///

**Angélica Lúcio**



Fotos: Arquivo pessoal

### Uma posição fragilizada

Ao analisar o atual contexto do Brasil, Silvana Sorrentino afirma que nunca o país esteve numa posição tão fragilizada, política e eticamente. “Quando um candidato ganha uma eleição cuja maior arma foram as fake news, é porque chegamos ao fundo do poço”, destacou. Para Sorrentino, a imprensa está na “corda bamba”, sob ameaça de um estado considerado de exceção.

Entre os sinais que demonstram essa situação, ela cita a eminente falta de respeito ao estado democrático de direito, com um líder da nação que não tem a menor preocupação em esconder essa realidade. Uma das consequências para a imprensa é a dificuldade da prática do jornalismo profissional, com base na ética e no princípio da verdade. Quem trilha o caminho da retidão, da pluralidade de vozes, ouvindo os dois lados da notícia, é alvo de ataques por parte daqueles que não têm o menor compromisso com esses elementos.

“As fake news são ameaças constantes e, devido à sua rápida propagação, a sensação que se tem é de que estamos enxugando gelo. O caso é tão grave que esse debate tem vindo à tona em todos os meios, tanto que até grupos de WhatsApp foram criados para denunciar essas notícias falsas e impedir a sua maléfica proliferação. Mas não está fácil. E esse momento da pandemia do novo coronavírus deixou ainda mais clara essa prática tão corrosiva”, desabafou Silvana.

A professora Zulmira Nóbrega, coordenadora do Mestrado em Jornalismo Profissional da UFPB, também criticou as coberturas sensacionalistas. Segundo ela, a imprensa socialmente responsável, com compromisso ético e com qualidade técnica é fundamental para todas as sociedades. “A imprensa, o jornalismo, desenvolveram-se, principalmente na modernidade, e passaram a refletir o espírito de tal segmento, como a burguesia e o capitalismo”, afirmou.

Porém, com o estabelecimento das relações entre os profissionais da comunicação social, os veículos e o estado, foram surgindo tensões. De acordo com a professora, se por um lado a imprensa, em geral, é privada, por outro lado explora concessões públicas. E, lamentavelmente, diz Zulmira Nóbrega, ao longo da história moderna da imprensa essa tensão se manifesta e acaba sendo um prejuízo para o cumprimento das suas prerrogativas.

“Em todo o mundo, a imprensa vendeu informação como mercadoria. Avançou nas coberturas sensacionalistas, espetaculares e não trabalhou para a constituição de uma opinião pública alabazada e crítica. Ao mesmo tempo, tenho me deparado hoje sobre questões que envolvem o mundo pós-industrial, em várias dimensões da existência humana, incluindo também a imprensa, o que chamamos de ‘jornalismo pós-industrial’, no qual, as instituições que organizam a imprensa buscam novos modelos de negócios e tecnologias”.

#### Vilã ou mocinha?

A imprensa, composta por seres humanos imbuídos na missão de exercer o jornalismo profissional e ético, às vezes é aplaudida, noutras vezes repudiada. Mas, afinal, nessa complexa tarefa de retratar a verdade, em meio a uma profusão de pontos de vista distintos, ela é a vilã ou a mocinha da história? “De início, certamente, é a mocinha, porém uma mocinha com muitos defeitos, não muito recatada ou impoluta”, afirmou a professora Zulmira Nóbrega.

Contudo, de forma mais analítica, Zulmira Nóbrega prefere observar a imprensa como uma construção social, que não estaria à margem do que ocorre na sociedade. Ela ressalta uma imprensa construída por indivíduos que vivem em sociedade e que debatem ideias, que não estão imunes a absorver e, de certa forma, retratar os fenômenos que existem no mundo.

“Pensar de forma maniqueísta, entre ‘vilã’ e ‘mocinha’, em certo momento, enfraqueceria o debate em torno das lutas para conquistarmos uma imprensa mais plural, ética, independente e responsável”, afirmou a professora, e continuou: “Penso no poder de engajamento de jornalistas, empresários e leitores, na constituição de uma sociedade mais solidária, justa, sem tantas desigualdades.... Porém, se, no entanto, há injustiça, desigualdade em nossa sociedade, possivelmente observaremos está distorção na imprensa também”.

# Censura em tempo de democracia

**Iluska Cavalcante**  
cavalcanteiluska@gmail.com

No decorrer da história do Brasil, a censura aos meios de comunicação se fez presente principalmente no período da ditadura militar, de 1964 a 1985. Atualmente, em meio a uma crise sanitária provocada pela pandemia da covid-19, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) tem restringido, por exemplo, dados de pessoas infectadas com a doença, além de realizar diversos ataques a jornalistas, o que leva ao questionamento: a censura é uma prática restrita apenas aos regimes ditatoriais?

Na opinião do jornalista e presidente da Associação Paraibana de Imprensa (API), João Pinto, não há liberdade plena de imprensa ainda que em uma democracia. “Estamos em um regime democrático, mas vez por outra a imprensa é censurada, ainda mais pelos poderes públicos. Numa democracia podemos nos expressar, mas em certos momentos estamos como se fôssemos vigiados. Nós, profissionais da imprensa, sofremos quando desagradamos algum político, por exemplo. Somos censurados até mesmo pelo nosso próprio patrão”, comentou. Ele ressaltou que essa é uma maneira de tentar parar o trabalho dos profissionais de comunicação em informar a sociedade. “Se não fosse a imprensa, as pessoas jamais tomariam conhecimento do que está acontecendo no Brasil e no mundo. O que está acontecendo agora, principalmente em Brasília, onde a imprensa precisou retirar os seus repórteres da frente do Palácio da Alvorada por não conseguir fazer a cobertura que deveria. É uma forma de querer calar a imprensa”.

Apesar de acreditar que a imprensa brasileira tem sofrido fortes perseguições, João Pinto acredita que a democracia é uma aliada, fazendo com que a censura se torne apenas uma forma de retaliação, mas não de impedir que as informações sejam publicadas. “Mas ninguém cala a imprensa, ainda mais porque estamos num regime onde temos a liberdade para expressão, podemos escrever, publicar e dizer o que precisa ser dito. Apenas informando o que precisa ser informado, sem difamar ninguém, apenas falando a verdade”.

Para a jornalista e professora dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Joana Belarmino, o governo brasileiro, sob a presidência de Jair Bolsonaro, pratica a censura e perseguição contra a imprensa. “Por via da

distribuição de recursos publicitários, o governo mobiliza aqueles meios da imprensa simpáticos à sua ideologia. De maneira explícita, o governo também tenta calar os órgãos de imprensa que investigam e divulgam os desmandos do governo, que não são poucos, diga-se a verdade”, disse.

A professora explicou que foi delegada à imprensa a tarefa de vigiar a sociedade, defender a democracia e a justiça social, além de ser o porta-voz principal dos coletivos e da sociedade civil de modo geral, o que causou perseguições. “Sendo a voz autorizada da sociedade, a imprensa alcançou um espaço de poder dos mais formidáveis, inquietando aos outros poderes, que em geral, ao longo dos quatro últimos séculos, partiram ou para a cooptação dos canais de imprensa, ou, em muitos casos, para a perseguição e a censura”.

## Autocensura

A censura realizada dentro dos próprios veículos de comunicação, para favorecer determinado político ou empresa, existe em todos os segmentos da imprensa, segundo a opinião do presidente do Sindicato dos Jornalistas da Paraíba, Land Seixas. “A autocensura à liberdade de expressão e de imprensa ou à liberdade do jornalista ou colaborador de escrever ou falar o que pensa em um jornal, rádio ou televisão e até mesmo

quando exerce a função de assessor de imprensa, quer seja para políticos, empresários e para o trabalho em órgãos oficiais, existe em grande frequência no mercado de comunicação do nosso país”.

Ele comentou que o que é vivenciado hoje é um processo diferente da ditadura militar, mas algo ligado principalmente a grupos que financiam as empresas de comunicação. “Tudo vai depender do posicionamento político adotado pelo empresário de uma empresa ou de um sistema de comunicação. Por isso, eles agem de acordo com as diversas situações que o levam a tomar determinadas posturas: quando está sendo financiado por um político ou um grupo político, as matérias ou reportagens são favoráveis a esses mesmos apadrinhados políticos. Ao mesmo tempo essa mídia detona todos os políticos que não correspondem a essa linha partidária”.

Land Seixas explicou que, dentro das redações existe a censura prévia, ou seja, quando o repórter é direcionado, a partir da linha editorial do veículo de comunicação, sobre o que deve

crever ou não. “Jornalistas que atuam nos jornais, emissoras de rádio e televisão são censurados a não divulgar matérias que vão de encontro a linha editorial de determinado veículo de comunicação. Esse processo é chamado de censura prévia, pois a empresa adota uma linha editorial, deixando bem claro nas redações que certas matérias não podem ser apuradas e veiculadas pela empresa”.

Já na opinião da jornalista e radialista Cláudia Carvalho, com as redes sociais a autocensura não consegue mais existir, já que os fatos são disseminados de maneira rápida, sem o controle dos veículos de comunicação. “A autocensura existiu de maneira muito forte antes da internet. Naquela época, os grupos econômicos e políticos tinham muito sucesso em abafar escândalos ou atenuar crises. Hoje, com as redes sociais é impossível evitar que os fatos venham à tona”.

## Problemas na mídia

Joana Belarmino comentou sobre um contraponto à censura, quando a imprensa, ciente do seu poder, assume um viés particular nas suas coberturas, em nome da liberdade de expressão, a exemplo do período da ‘Operação Lava Jato’. “A prática da perseguição, a criminalização, é aquilo que já se convencionou chamar de ‘Lawfare Jurídico’, que no caso aqui é ‘Lawfare Midiático’. A ‘Operação Lava Jato’ teria toda a repercussão que teve sem o trabalho da imprensa? É certo que a missão, pelo menos no discurso dos juristas e da mídia, era uma missão nobre: acabar com a corrupção, o mal uso do dinheiro público, a locupletação da classe política aos lob-

bies empresariais”.

Em sua avaliação, a mídia brasileira tem problemas que ameaçam a sua prerrogativa principal, como a pluralidade de versões, a constituição de uma opinião pública abalada e a defesa da democracia. Na opinião da professora, o principal desses problemas tem sido a concentração dos meios de comunicação nas mãos de poucos. “Além disso, ocorre aqui o fenômeno da propriedade cruzada. Um mesmo dono de mídia desenvolve diversos negócios, reunindo revistas, jornais, rádios, televisões e negócios online. Uma mídia concentrada reúne uma fatia de poder formidável. Converte-se, este tipo de imprensa, muitas vezes, em uma ameaça à liberdade de expressão e à defesa da democracia”.

## “Quarto Poder”?

Por muito tempo a imprensa foi dita como sendo o “Quarto Poder” na sociedade, devido ao seu alto poder de influência. Na opinião da jornalista e assessora de imprensa Íris Porto, a mídia continua com esse posto, seja para o bem ou para o mal. “Ela atua para o bem quando investiga a todos, sem distinção, e pratica o mal quando se une a qualquer um dos três para influenciar a opinião pública contra os demais poderes, porque isso desestabiliza o tripé em que se firma o estado democrático de direito”.

Por outro lado, de acordo com ela, o avanço da tecnologia, com a chegada da internet, tem diminuído a credibilidade da mídia. “Infelizmente, o avanço da tecnologia de informação, com a chegada da internet, resultou na industrialização do processo de produção da notícia, minando a principal ferramenta de credibilidade da imprensa, que é a checagem do fato para publicar apenas a informação confirmada por, pelo menos, três fontes. A checagem, naturalmente, exige um tempo incompatível com a instantaneidade da internet. Assim, o furo, apenas pelo furo, atraiu junto com os clicks desejados a indesejada descrença nos jornais e resultou no enfraquecimento desse poder”.

Já o jornalista Agnaldo Almeida, com passagens em vários veículos de comunicação do Estado, não acredita que a imprensa permanece como o “Quarto Poder”. Em sua opinião, ela perdeu o poder de influência na população, dando lugar às redes sociais. No entanto, esse fenômeno também fez com que a mídia ganhasse mais credibilidade, em sua opinião. “Ela não tá perdendo credibilidade, pelo contrário, mas está perdendo espaço, as redes sociais ocupam esse espaço. As pessoas estão preferindo se informar através das redes sociais, ainda que através de notícias falsas, mas isso não é imprensa”, disse.

Foto: Arquivo Pessoal

Foto: Arquivo Pessoal

Foto: Arquivo Pessoal

Foto: Arquivo A União

Foto: Edson Matos

Foto: Eandro Pereira



Cláudia Carvalho



Joana Belarmino



Íris Porto



Agnaldo Almeida



João Pinto



Land Seixas